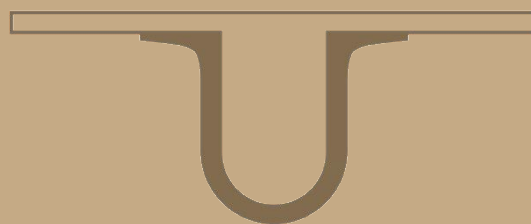




UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Clementina Maria Pires Domingues de Araújo Cruz

**A IMPORTÂNCIA DAS VISITAS DE ESTUDO NO
ENSINO DA HISTÓRIA**

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Professora Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro e pela Professora Doutora Sara Marisa da Graça Dias do Carmo Trindade, apresentado ao Conselho de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

outubro de 2020

FACULDADE DE LETRAS

A IMPORTÂNCIA DAS VISITAS DE ESTUDO NO ENSINO DA HISTÓRIA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A Importância das Visitas de Estudo no Ensino da História
Autora	Clementina Maria Pires Domingues de Araújo Cruz
Orientadoras	Professora Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro Professora Doutora Sara Marisa da Graça Dias do Carmo Trindade
Júri	Presidente: Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro Vogais: 1. Doutora Maria Margarida Sobral da Silva Neto 2. Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Área científica	História
Especialidade/Ramo	Formação de Professores de História
Data da defesa	15-12-2020
Classificação do Relatório	16 valores
Classificação do Estágio e Relatório	17 valores



Agradecimentos

Obrigada. É a única e grande palavra que posso dizer a todos os que estiveram comigo nesta caminhada que seria difícil de suportar sem a vossa amizade e paciência.

Obrigada aos meus pais, incansáveis na força e no apoio desde o primeiro momento;

Obrigada à minha “pequena” Maria Leonor, que foi uma “grande” filha, a minha força e inspiração;

Obrigada ao meu marido, pelo amor, compreensão e ajuda demonstrada durante este ano, por ter sido pai e mãe;

Obrigada à minha irmã, cunhado e sobrinho Francisco, pelo incentivo e auxílio efetivo que sempre me concederam a mim e aos meus;

Obrigada aos meus amigos que estão comigo desde sempre e que sabem o quanto isto é importante para mim, em especial à Margarida e Teresa Paula por razões óbvias;

Obrigada à minha Orientadora de estágio, Sónia Silvestre, por ter deixado em mim este respeito e amor pela Educação;

Obrigada às Professoras Doutoradas Ana Isabel Ribeiro e Sara Dias Trindade por toda a disponibilidade, compreensão e por me terem orientado ao longo do mestrado.

Por fim, resta-me agradecer à Joana Novais, minha parceira desta grande aventura que foi o mestrado. Obrigada pela amizade e companheirismo.

E porque já dizia Fernando Pessoa, “*Deus quer, o Homem sonha e a obra nasce!*”, obrigada a Deus por o Teu querer ser o mesmo que o meu.

RESUMO

As metodologias tradicionais baseadas na transmissão de conhecimentos encontram-se, por vezes, desajustadas face às novas exigências da sociedade atual. Por isso, torna-se imperioso procurar estratégias didáticas alternativas, capazes de motivar os alunos para a aprendizagem e de os preparar para enfrentar os novos desafios que se impõem. Neste contexto torna-se pertinente associar as tecnologias da informação e comunicação às práticas educativas, permitindo ao professor diferenciar as suas metodologias e extravasar a sua interação com os discentes para além do seu espaço nativo, a sala de aula. Neste relatório, desenvolvido no contexto do Estágio Pedagógico no decorrer do Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, e implementado em três turmas do ensino básico, procurou-se explorar as potencialidades das visitas de estudo *in loco* e das visitas de estudo virtuais (VEV) enquanto estratégias didáticas eficazes e capazes de motivar os alunos para a aprendizagem da História, envolvendo-os ativamente na construção do seu próprio conhecimento.

Não obstante, este estudo apoiado por uma parte empírica realizado ao longo do ano letivo 2019/2020, foi desenvolvido um trabalho com o intuito de analisar a importância atribuída pelos alunos e professores às visitas de estudo em contexto formal de aprendizagem.

Para delinear e estruturar este estudo, formulou-se uma questão orientadora: As visitas de estudo constituem uma estratégia pedagógica eficaz e motivadora no ensino da História? De forma a obter a resposta pretendida optou-se por uma metodologia de natureza mista (qualitativa e quantitativa), sendo a recolha de dados efetuada por diversos meios, de forma a permitir um cruzamento da informação e, conseqüentemente construir um conhecimento mais sustentado.

Os resultados sugerem que a realização de visitas de estudo, quer presenciais quer virtuais, apresenta-se como uma estratégia de ensino que pode ser usada na prática pedagógica, aumentando a motivação e o envolvimento ativo dos alunos na construção da sua própria aprendizagem, permitindo uma melhor compreensão e consolidação dos conteúdos. Tanto os discentes como os docentes reconhecem que as visitas de estudo possuem implicações educacionais assinaláveis, promotoras do desenvolvimento pessoal, social e de aprendizagem e vistas como vantajosas. Porém, é de salientar que

os professores identificaram neste tipo de atividades vários aspetos impeditivos, obstáculos que muitas vezes limitam a sua organização e a sua concretização.

Palavras-chave: Visita de Estudo *in loco*. Visita de Estudo Virtual. Processo Ensino-Aprendizagem. Prática Reflexiva.

ABSTRACT

Traditional methodologies used in teaching are, sometimes, out of date with the new skills of today's society. Therefore, it is imperative to look for alternative strategies, capable of motivating students for learning and preparing strategies to face the new challenges that have arisen. In this context, it becomes pertinent to associate information and communication technologies with educational practices, allowing teachers to diversify their methodologies and to extend their interaction with students beyond a classroom.

In this report, developed in the context of the Master's Course in History Teaching in the 3rd cycle of Basic and Secondary Education Pedagogical Internship, and implemented in three classes of basic education, try to explore the potential of study visits *in loco* and virtual study visits, as didactic strategies and capable of motivating students to learn history, are actively involving them in the construction of their own knowledge.

Nevertheless, this study supported by an empirical part carried out during the academic year 2019/2020, a work was developed in order to analyze the importance attributed by students and teachers to study visits in a formal learning context.

To outline and structure this study, a guiding question must be asked: How did study visits contribute to an effective and motivating pedagogical strategy in history teaching?

In order to obtain the desired answer, we opted for a mixed methodology (qualitative and quantitative) with data collected by different means, in order to allow information crossing and, consequently, the creation of more sustainable knowledge.

The results suggest that organizing study visits, either *in loco* or virtual ones, is a teaching strategy that can be used as pedagogical practice, promoting student's motivation and their involvement in building their own learning, allow a better understanding and consolidation of contents. Both students and teachers recognize that study visits have remarkable educational implications, promoting personal, social and learning development and seen as advantageous. However, it is important to notice that teachers have identified several drawbacks to this type of activities, obstacles that often limit their organization and implementation.

Keywords: Study Visit *in loco*. Virtual Study Visit. Teaching-Learning Process. Reflective Practice.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	IV
ABSTRACT	VI
ÍNDICE	VII
LISTA DE TABELAS	VIII
LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS	VIII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – CONTEXTO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO	4
1.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	4
1.2. CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS	5
1.3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO PEDAGÓGICO	7
1.4. REFLEXÃO SOBRE O ESTÁGIO PEDAGÓGICO	8
CAPÍTULO 2 – VISITAS DE ESTUDO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA	13
2.1. AS VISITAS DE ESTUDO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA	13
2.2. ORGANIZAÇÃO E DINAMIZAÇÃO DAS VISITAS DE ESTUDO PRESENCIAIS	16
2.3. AS VISITAS DE ESTUDO VIRTUAIS	22
2.3.1. <i>Vantagens e desvantagens das visitas de estudo virtuais</i>	24
CAPÍTULO 3- METODOLOGIA DO ESTUDO EMPÍRICO	26
3.1. QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS	26
3.2. OPÇÕES METODOLÓGICAS	27
3.3. PARTICIPANTES DO ESTUDO	28
3.4. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	29
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS RESULTADOS DO ESTUDO DE CASO	31
4.1. ESTUDO DE CASO NÚMERO UM: AS PERCEÇÕES DOS ALUNOS	31
4.2. ESTUDO DE CASO NÚMERO DOIS: AS PERCEÇÕES DOS DOCENTES	34
CAPÍTULO 5 – PREPARAÇÃO DE VISITAS DE ESTUDO	38
5.1. A PREPARAÇÃO DA VISITA DE ESTUDO PRESENCIAL: PROCEDIMENTOS E DECISÕES PEDAGÓGICAS	38
5.2. A VISITA DE ESTUDO PRESENCIAL – DESCRIÇÃO DE UM PROJETO	42
5.3. DESCRIÇÃO DE VISITAS DE ESTUDO VIRTUAIS A CONÍMBRIGA E À SÉ VELHA DE COIMBRA	49
REFLEXÕES FINAIS	52
	VII

BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS	56
ANEXOS	60
ANEXO 1 – PLANO INDIVIDUAL DE FORMAÇÃO	61
ANEXO 2- QUESTIONÁRIO PRÉVIO REALIZADO AOS ALUNOS	66
ANEXO 3- RESULTADO DA ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO REALIZADO AOS ALUNOS	68
ANEXO 4- QUESTIONÁRIO FINAL A REALIZAR AOS ALUNOS	73
ANEXO 5- QUESTIONÁRIO REALIZADO AOS PROFESSORES DE HISTÓRIA	75
ANEXO 6 - TRANSCRIÇÃO DO QUESTIONÁRIO REALIZADO AOS PROFESSORES DE HISTÓRIA	77
ANEXO 7 – PLANIFICAÇÃO DA VISITA DE ESTUDO	81
ANEXO 8 – POWERPOINT DA ATIVIDADE RELATIVA AOS <i>QR CODES</i>	84
ANEXO 9 – GUIÃO EXPLORATÓRIO DO MUSEU (1º PERCURSO)	88
ANEXO 10 - GUIÃO EXPLORATÓRIO DO MUSEU (2º PERCURSO)	90
ANEXO 11 – GUIÃO EXPLORATÓRIO DAS RUÍNAS DE CONÍMBRIGA (GRUPO 1)	92
ANEXO 12 - GUIÃO EXPLORATÓRIO DAS RUÍNAS DE CONÍMBRIGA (GRUPO 2)	94
ANEXO 13 - GUIÃO EXPLORATÓRIO DAS RUÍNAS DE CONÍMBRIGA (GRUPO 3)	95
ANEXO 14 - GUIÃO EXPLORATÓRIO DAS RUÍNAS DE CONÍMBRIGA (GRUPO 4)	97
ANEXO 15 - GUIÃO EXPLORATÓRIO DAS RUÍNAS DE CONÍMBRIGA (GRUPO 5)	98
ANEXO 16 - GUIÃO DA VISITA DE ESTUDO VIRTUAL A CONÍMBRIGA	100
ANEXO 17 - GUIÃO DA VISITA DE ESTUDO VIRTUAL À SÉ VELHA DE COIMBRA	103

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - PARTICIPAÇÃO EM VISITAS DE ESTUDO.	31
TABELA 2 - O QUE MAIS GOSTAM NAS VISITAS DE ESTUDO.	31
TABELA 3 - VISITAS DE ESTUDO - MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM.	32
TABELA 4 - VISITAS DE ESTUDO - COMPREENDER E CONSOLIDAR CONHECIMENTOS DA SALA DE AULA.	32
TABELA 5 - ATIVIDADES REALIZADAS NAS VISITAS DE ESTUDO.	32
TABELA 6 - VISITAS DE ESTUDO - CONSERVAÇÃO DO NOSSO PATRIMÓNIO HISTÓRICO.	33
TABELA 7 - VISITA DE ESTUDO A CONÍMBRIGA - CONSOLIDAÇÃO DE CONHECIMENTOS.	33
TABELA 8 - VISITAS DE ESTUDO - ELABORAÇÃO DE RELATÓRIO.	33

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação.

VEV – Visita de Estudo Virtual.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o ensino apresenta-nos cada vez mais desafios e obstáculos, que impõem ao professor diagnosticar e ultrapassar as principais dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem, onde o ensino da História não é exceção.

Ao escrever este parágrafo, não imaginava que estes desafios e obstáculos tivessem tal dimensão, pois tanto professores como alunos depararam-se com uma realidade nova, cheia de dúvidas e de incertezas, mas, ao mesmo tempo, tão desafiante.

De repente, “um mundo diferente” apareceu e o ensino teve que acompanhar esta “diferença”. Todos nos vimos na necessidade de combater um inimigo invisível, o Covid19, com as “armas” que se encontravam ao nosso alcance. Foi e é um desafio para a nossa maneira de viver, foi e é uma luta desigual, inclusive para a educação. São estes obstáculos e estas dúvidas que todos os dias nos põem à prova. O ensino e as aprendizagens continuam, não da mesma forma, mas com estratégias diferentes e utilizando outros canais de comunicação. O caminho é longo, difícil e ingrato, mas nós portugueses, vencemos sempre todos os desafios e é por isso, que temos quase novecentos anos de História.

Portugal viveu um estado de emergência, apelidado pelo Presidente da República de “*uma medida excecional em tempos excecionais*”¹, e agora vivemos em estado de calamidade.

Este relatório reflete precisamente essas mudanças, alterações necessárias para corresponder e desafiar esta realidade e estes tempos excecionais.

Procurei explorar as potencialidades das visitas de estudo enquanto estratégia didática, capaz de estimular a capacidade de descoberta dos alunos e motivá-los para a aprendizagem da História. A consolidação de conhecimentos abordados em sala de aula apresenta-se também como uma vantagem desta estratégia, neste caso, no tema “A Herança Romana e o Património Histórico”. Uma estratégia que consegue despertar o gosto pelo passado, de promover o interesse pela disciplina. Também visa favorecer as aprendizagens e a desenvolver o pensamento e a consciência histórica.

Com as diversas vantagens da aplicação das visitas de estudo, enquanto estratégia de ensino, torna-se necessário que cada um de nós, enquanto professores a utilizemos com mais frequência, para que os alunos não estejam apenas confinados ao espaço sala de aula.

¹ Discurso do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, no dia 18 de março de 2020, dia em que decretou o estado de emergência ao país.

Porém, não nos podemos esquecer que a concretização deste tipo de atividade, mesmo considerada viável e bem planificada, depende de vários fatores intrínsecos ou extrínsecos à escola. Existem várias condicionantes que podem determinar o sucesso ou insucesso da mesma, como por exemplo esta interrupção presencial das atividades letivas.

Tendo em consideração a sua importância, o recurso às tecnologias da informação e da comunicação (TIC) apresenta-se como uma ferramenta alternativa a este constrangimento. Assim, a professora e os alunos são desafiados a utilizar estas ferramentas que podem funcionar como facilitadores na consecução das atividades propostas, designadamente, através das chamadas visitas de estudo virtuais (VEV).

A minha primeira intenção com este estudo foi perceber se os alunos atingiam os objetivos pretendidos com a realização de uma visita de estudo *in loco*. Mas por força das circunstâncias, decidi perceber qual o contributo da realização das VEV em termos de motivação para a aprendizagem, bem como aferir as suas potencialidades enquanto estratégia de exploração de conteúdos. Será sem dúvida, uma estratégia eficaz, capaz de levar os alunos por esse mundo virtual a locais que, de outra forma, não seria possível.

Como referi anteriormente, as visitas de estudo tradicionais apresentam de facto limitações à sua implementação. Contudo, devido à sua importância, não devem ser afastadas das atividades programadas, no entanto, podem e devem ser encontradas alternativas válidas, como é o caso das VEV, que consigam alcançar os objetivos já determinados.

Decorrendo deste pressuposto e para a concretização deste estudo, enunciei a seguinte questão orientadora: *As visitas de estudo constituem uma estratégia pedagógica eficaz e motivadora no ensino da História?*

À questão de investigação subjacente, considerei os seguintes objetivos:

- Avaliar a perceção que alunos e docentes têm das visitas de estudo para as aulas de História;
- Identificar os contributos que se podem obter nas aprendizagens da História com a realização de visitas de estudo virtuais.

De natureza mista (qualitativa e quantitativa), foram utilizados como instrumentos de recolha de dados, a observação direta e inquéritos por questionário. Com este propósito, recolheu-se a informação possível, tendo em conta as limitações já conhecidas, de forma a dar resposta aos objetivos deste estudo.

Na Introdução, procedeu-se a uma contextualização geral, evidenciando-se o trabalho que se pretendeu desenvolver.

O capítulo 1 reflete o contexto onde decorreu o Estágio Pedagógico, abordando uma reflexão do professor e uma necessidade contínua da sua formação.

O capítulo 2 contém a fundamentação teórica que enquadra este estudo. Clarifica-se de forma mais específica a temática deste relatório, as visitas de estudo presenciais e as visitas de estudo virtuais, os seus conceitos bem como a sua organização e dinamização. Apresentam-se também, as principais vantagens e desvantagens destas estratégias de ensino. No decorrer deste capítulo, pretendeu-se ainda dar a conhecer a importância da implementação dos *QR codes*, como ferramenta utilizada nesta atividade.

O capítulo 3 centra-se na metodologia que orientou o estudo, apresentando-se a questão de investigação, os objetivos e as opções metodológicas. São identificados os participantes do estudo e enunciados os instrumentos para a recolha de dados.

No capítulo 4 apresenta-se a análise dos resultados do estudo, descrevendo-se os estudos de caso representativos das perceções dos alunos e dos professores relativamente às potencialidades e constrangimentos das visitas de estudo.

O capítulo 5 expõe os procedimentos pedagógicos na preparação de uma visita de estudo presencial e a descrição desse projeto. Serão ainda descritas duas visitas virtuais, constituindo-se numa atividade capaz, embora com limitações, de ser realizada em contexto do ensino à distância.

Por fim, apresentam-se as conclusões finais sobre o estudo, sucedendo-se as referências bibliográficas e os anexos utilizados no corpo deste relatório.

Capítulo 1 – CONTEXTO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO

1.1. Caracterização da escola

O Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, outrora Escola Secundária de Cantanhede abrange, nos dias de hoje, várias unidades orgânicas pertencentes a diversas freguesias: Escola Secundária Lima-de-Faria - Cantanhede (Sede); Escola Básica 2,3 Carlos de Oliveira (Febres); Escolas do 1º ciclo do Ensino Básico (Balsas, Corticeiro de Cima, Covões, Febres, Fontinha, S. caetano e Vilamar); Jardins de Infância (Corticeiro de Cima, Febres, S. Caetano e Vilamar)².

A Escola Básica 2,3 Carlos de Oliveira, onde decorreu o Estágio Pedagógico, insere-se em meio rural e localiza-se na Freguesia de Febres, Concelho de Cantanhede, pertencente ao Distrito de Coimbra.

Relativamente às instalações, a escola é composta por um edifício principal, um pavilhão gimnodesportivo com espaços contíguos dedicados à prática de vários desportos, uma estufa, um pombal e por espaços verdes e arborizados, de dimensões consideráveis, que permitem momentos de lazer ao ar livre. Do lado esquerdo do edifício, situam-se as salas destinadas à lecionação, o gabinete da Direção, a sala dos professores, os serviços administrativos, o gabinete de apoio ao aluno, a reprografia, o serviço de psicologia, o gabinete dos Diretores de Turma, salas de informática, laboratório de ciências e a biblioteca. Na outra fação, integra-se o refeitório, a cantina, o bar, a papelaria e um espaço coberto destinado ao convívio dos alunos. Ao nível da segurança da escola, há a registar que o edifício está dotado de extintores, Planos de Prevenção e sinaléticas, havendo a preocupação de envolver toda a comunidade escolar no conhecimento das normas de segurança a cumprir em caso de acidente.

A população escolar no presente ano letivo foi de 306 alunos, assim distribuídos: 108 alunos repartidos por 5 turmas do 2º ciclo do Ensino Básico e 198 alunos integrados em 9 turmas do 3º ciclo do Ensino Básico.

O corpo docente é formado por um total de 41 professores e o corpo não docente conta com 17 funcionários, dos quais 14 são assistentes operacionais, 2 são assistentes técnicos e um psicólogo técnico.

A Associação de Pais é uma realidade importante, promovendo a relação e cooperação entre a Escola e os Pais/Encarregados de Educação, com o objetivo de se conseguir uma ação educativa coerente.

² <http://www.aelimadefaria.pt/index.php>

É uma escola de “portas abertas”, que procura desenvolver estratégias integradoras para todos, estimulando um maior envolvimento dos pais e encarregados de educação no processo de ensino-aprendizagem, promovendo um maior enriquecimento do currículo. Estão também definidas algumas horas de apoio educativo para os alunos que apresentarem dificuldades de aprendizagem.

As atividades extracurriculares existentes na escola são notáveis, estimulando o envolvimento dos alunos em várias exposições temáticas, palestras, concursos, sessões de cinema, leitura e música, visitas de estudo e a representação da escola através do desporto escolar.

Este estabelecimento de ensino rege-se pelo manual de boas vindas, abraçando todos os seus intervenientes com respeito e profissionalismo, aceitando acima de tudo, as diferenças.

1.2. Caracterização das turmas

No estágio pedagógico foram-me atribuídas três turmas do 7º ano de escolaridade, num total de 71 alunos. A turma X, composta por 22 alunos, a turma Y por 20 alunos e a turma Z com 29 alunos. No entanto, a partir do segundo período as turmas X e Z passaram a contar com menos um elemento³, perfazendo na totalidade 69 alunos.

Neste universo, 31 alunos são do sexo feminino e 38 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os doze e os catorze anos, sendo a idade média de 12 anos. No conjunto das turmas, 5 alunos encontram-se a frequentar o 7º ano pela segunda vez e 11 estão referenciados como alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). É de salientar, que 4 destes alunos, pertencentes à turma Y, dispõem de medidas adicionais, apresentado um défice de cognição acentuado, como tal não frequentam as nossas aulas e são acompanhados por um professor coadjuvante. Na escola, estão também definidas medidas de apoio pedagógico para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, beneficiando de horas de apoio educativo, de forma a ultrapassarem mais facilmente os principais obstáculos.

O ambiente económico e social dos alunos, dada a sua diversidade, constitui um desafio para as várias estruturas pedagógicas, estes são provenientes de diversos estratos socioeconómicos, uma vez que 31 discentes beneficiam de apoio da Ação Social Escolar. Este número reflete e confirma algumas carências económicas por parte das famílias. Esta situação, a par de outras, consta do Projeto Educativo da escola como “situações-problema e desafios a enfrentar. “*O Projeto*

³ No início do 2º período, a turma X ficou reduzida a 21 elementos e a turma Z a 28, em virtude destes alunos terem voltado para o estrangeiro com as suas famílias.

*Educativo é como uma peça de teatro que se constrói e ensaia em cada dia, mas o desafio maior joga-se entre a sua apresentação conjunta e o desempenho competente, autónomo e criativo de cada ator*⁴.

De facto, o Projeto Educativo elaborado para o triénio 2018-2021 reflete preocupações, inquietações, mas também muita esperança. Os sistemas educativos atuais constituem profundos desafios a que a escola não é alheia. De acordo com este documento, a diversidade e as necessidades diferenciadas dos alunos exigem da escola um esforço acrescido, de forma a criar respostas para que todos alcancem o sucesso, seja na vida académica, na vida social ou na futura vida profissional.

No geral, os alunos apresentam características distintas, no entanto, no que diz respeito às três turmas, estas são semelhantes. Para as caracterizar, para além das informações recolhidas durante as aulas assistidas e no decorrer das minhas aulas, foi muito importante ter participado nos Conselhos de Turma realizados no início do ano letivo. Nestas reuniões, os respetivos Diretores de Turma descreveram de forma pormenorizada o contexto de cada um destes alunos, diagnosticando alguns problemas a nível comportamental e de aprendizagem.

Não obstante a existência de alguns discentes, que revelam facilidades no processo ensino aprendizagem obtendo resultados muito positivos, a grande maioria apresenta dificuldades na aquisição, compreensão e aplicação de conhecimentos. As dificuldades de aprendizagem resultam essencialmente das lacunas evidenciadas na interpretação de enunciados e dificuldades na expressão oral e escrita. Para além disso, salientou-se a pouca participação oral e alguma tendência para a desconcentração, falta de métodos de trabalho e hábitos de estudo.

Face a estas fragilidades, procurou-se sempre desenvolver ações pedagógicas em que os alunos tivessem um papel mais ativo na construção do seu próprio saber. Desta forma, tentou-se promover a sua motivação, participação, autonomia e sentido de responsabilidade com a finalidade de superarem as dificuldades diagnosticadas. Tendo o aproveitamento das turmas sido considerado satisfatório.

Relativamente aos restantes alunos com Necessidades Educativas Especiais integrados nas turmas, o Conselho de Turma procurou estabelecer uma linha de atuação comum entre todos os professores. Assim, desenvolveram-se estratégias diferenciadas, adequando-se as estratégias de ensino aos seus interesses e características, de forma a melhorar o seu desempenho.

Como resultado dos inquéritos realizados aos alunos pelos Diretores de Turma, no início do ano letivo, e pelo exposto nas reuniões ficámos com uma melhor perceção do contexto de cada um. Todos os alunos residem no Concelho de Cantanhede, a sua maioria a menos de dez

⁴ Livro Branco sobre a Educação e a Formação: *ensinar e aprender*. Comissão Europeia: Bruxelas, 1995, Projeto Educativo 2018-2021, p. 2

quilómetros da escola, pelo que são raros os que despendem mais de quinze/vinte minutos nos transportes entre a sua casa e a escola.

Relativamente ao contexto escolar, de uma forma geral, todos os alunos gostam de frequentar este estabelecimento de ensino, mas são poucos os que gostam de estudar e referem ainda que não têm em casa quem os ajude nos estudos.

No que concerne às profissões dos Encarregados de Educação, as mais comuns são: agricultores, administrativos, domésticas e infelizmente, alguns desempregados. Há, no entanto, uma percentagem significativa de enfermeiros, professores e médicos.

Face ao descrito, esta diversidade de contextos tem implicações previsíveis no processo ensino aprendizagem, é notório que se está perante alunos com hábitos de vida diferentes, que exigem metodologias de ensino distintas numa perspetiva global de desenvolvimento.

Também é importante ensinar estes alunos aprender a pensar, a raciocinar e a agir, para que consigam aplicar os conhecimentos apreendidos na escola em situações normais do seu dia-a-dia.

1.3. Atividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico

No decorrer do Estágio Pedagógico procurei assumir uma intervenção ativa com a realização de atividades de dinamização da escola e/ou junto da comunidade educativa. Segundo o Regulamento da Formação Inicial de Professores, o ponto 1.1. declara que o Orientador da Escola tem como obrigação: *“No início do ano letivo agendar com os Estagiários a Prática Pedagógica Supervisionada e programar a concretização de atividades extralectivas, elaborando com eles os respetivos Planos Individuais de Formação”*⁵, e assim aconteceu, as atividades elencadas no Plano Individual de Formação (Anexo 1), entre outras, decorreram entre o início do ano letivo até ao momento da interrupção presencial do estágio, sempre supervisionadas pela Orientadora da escola.

Muitas foram as atividades desenvolvidas e promovidas, repletas de uma significativa visibilidade por toda a comunidade escolar, destacando-se várias exposições temáticas para a celebração de datas históricas (como por exemplo o assinalar do dia das Nações Unidas, da UNICEF, da Restauração da Independência, homenagem às Vítimas do Holocausto) entre outras iniciativas de promoção de práticas de intervenção de carácter geracional, como a visita ao Lar de Idosos, assinalando dias festivos.

⁵ Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, Artigo 6º do Regulamento da Formação Inicial de Professores.

Considerando que o estágio pedagógico se apresenta como uma ótima oportunidade de aprendizagem, favorecendo o trabalho individual, mas também beneficiando de um melhor espírito de trabalho em grupo, a presente narrativa tem como intuito expor que todas as atividades foram realizadas em colaboração com a minha colega de Estágio, Joana Novais. Todas as atividades foram concebidas e desenvolvidas em conjunto, uma vez que as três turmas eram da responsabilidade de ambas.

Procurámos sempre realizá-las de forma muito consciente, responsável, profissional e criativa, envolvendo-nos com afinco, trocámos experiências e assumimos como principal objetivo uma integração e uma intervenção ativa na comunidade educativa. Gostava aqui de salientar a amizade e o excelente relacionamento pessoal e profissional existente com a referida colega, de onde resultou um trabalho de equipa salutar, refletindo-se na boa apreciação que a escola fez do nosso trabalho.

Por toda a entrega e empenho nas atividades desenvolvidas, julgo que todos os objetivos foram atingidos na íntegra, resultando uma assertiva participação e interação com o meio escolar. Todo este trabalho contribuiu para uma forte obtenção de competências pessoais e profissionais, imprescindíveis para o desempenho das minhas funções como docente.

1.4. Reflexão sobre o Estágio Pedagógico

O Estágio Pedagógico teve início em setembro de dois mil e dezanove, decorrendo de forma normal e de forma presencial até 13 de março de dois mil e vinte, data em que o ensino presencial nas escolas foi interrompido, sendo substituído, até ao final do ano letivo no caso do 1º, 2º, 3º ciclos e 10º anos, pelo regime de teletrabalho.

Ao longo deste percurso, o estágio revelou-se um dos pontos centrais da minha vida.

Para uma verdadeira reflexão sobre esta intervenção educativa é necessário compreender as minhas decisões e atitudes nesta caminhada. De facto, a minha experiência de ensino não começou este ano, não começou com estes alunos, nem nesta escola. Posso dizer que já tenho um percurso no ensino, de alguns anos, onde tentei sempre fazer o meu melhor como professora, no que diz respeito ao ato de ensinar e no convívio com os alunos, professores e pessoal não docente. Acabei por me “enraizar” naquela comunidade escolar. No entanto, numa Escola Profissional tudo é diferente, desde o sistema de ensino, à gestão da escola, aos currículos e até aos próprios alunos. É uma escola para quem prefere “aprender a fazer”, e que se esforça por estar preparada para ensinar alunos que gostam de experimentar, de criar e de fazer acontecer.

Nesta etapa tudo foi diferente, o meu percurso profissional e a minha capacidade de “ensinar” a História estavam a ser alvo de análise e de avaliação todos os dias, permitindo-me pôr em prática a teoria, testar os meus limites e as minhas limitações numa outra realidade.

Nesta caminhada, tudo ficou mais simples quando encontrei a Professora Sónia Silvestre, a minha Orientadora que, para além de ser um ser humano incrível, é sem dúvida uma excelente profissional, que será uma referência na minha vida a partir deste momento. A Professora Sónia sempre me acompanhou, proporcionou-me novas aprendizagens, deu-me liberdade, esteve sempre presente nos bons e nos momentos mais difíceis, tranquilizando-me e apoiando-me.

Inicialmente, o período de observação das aulas da Orientadora foi muito vantajoso e benéfico, pois pude fazer uma avaliação de todos os alunos, o que contribuiu de forma muito eficaz no meu trabalho. Com este diagnóstico, consegui perceber as suas maiores dificuldades no processo ensino-aprendizagem e conhecer cada aluno, fora e dentro da sala de aula, o que foi uma mais-valia, permitindo-me fazer um trabalho mais adequado e adaptado.

No reforço deste propósito, considero que também foi muito importante ter observado aulas de outros níveis de ensino, lecionadas por outros professores do Agrupamento (5º, 6º, 8º, 10º e 11º anos de escolaridade), proporcionando-me uma perspetiva de maior abrangência do ensino regular.

De facto, a observação é uma componente essencial para a intervenção no estágio. Uma postura atenta é o ponto de partida para que o exercício da docência alcance resultados significativos. Ao observar diversos modelos de aula, acabei por tirar o melhor partido de cada um, mas essencialmente, a encontrar o meu próprio modelo, pois de acordo com Alarcão e Tavares, *“O professor estagiário frequentemente limita-se ou a imitar o modelo (cenário artesanal) ou a demonstrar o domínio do modelo que aprendeu”*⁶.

Tentei, no exercício das minhas funções, estar sempre atenta a tudo o que rodeia os alunos. Compreender a escola, conhecer o seu espaço, a sua gestão, os professores, a comunidade escolar e os alunos são uma condição indispensável para este projeto de intervenção, logo o ato de ensinar requer um trabalho específico e uma reflexão mais ampla sobre a ação pedagógica que ali se desenvolve.

Uma prática reflexiva é profícua na construção de novos conhecimentos, influenciando positivamente a qualidade da ação pedagógica do professor. O foco é refletir sobre a importância de me adaptar às novas exigências do ensino na sociedade atual, de forma a conseguir realizar ações criativas e contextualizadas, obtendo um maior interesse por parte dos alunos.

⁶ ALARCÃO, Isabel & TAVARES, José, *Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Edições Almedina, SA, 2003, p.114.

De acordo com Morgado, “*cumpra ao professor o estabelecimento de uma atitude de permanente ponderação dos seus valores, dos seus saberes, das suas práticas, etc.*”⁷. O mesmo autor acrescenta que “*(...) somos levados a considerar necessária uma atitude de permanente reflexão sobre as práticas que se desenvolvem e os princípios de natureza diferenciadas que as sustentam*”⁸.

Estas reflexões fizeram de mim uma pessoa com uma atitude mais crítica em relação a todas as situações. Há quem diga que eu penso demais sobre estes assuntos. Talvez tenham razão... Mas são estas reflexões e atitudes que me preparam enquanto docente numa perspetiva de constante aprendizagem e evolução, de forma a poder guiar os alunos. Estive sempre atenta às necessidades do elemento fundamental e razão de existir das escolas: os Alunos. Espero que, no decorrer desta caminhada, tenha conseguido desenvolver e aperfeiçoar competências pedagógicas de forma a promover o sucesso educativo dos alunos e que estes se tornem cidadãos plenos.

Numa primeira fase fui exclusivamente observadora, só iniciei a minha prática pedagógica nas turmas que me foram atribuídas no dia 3 de dezembro. Esse momento foi vivido com emoção, motivação e responsabilidade, mas também com algum receio e apreensão. A campainha tocou, tinha chegado o momento há tanto esperado, à frente das turmas apresentei-me com um “nervoso miudinho”, mas ao mesmo tempo confiante. E sem qualquer tipo de hierarquização forçada notei desde o primeiro momento um grande respeito, um ambiente de segurança e uma boa relação entre professora e alunos. A minha postura acabou por se revelar proveitosa, pois penso ter conseguido manter na sala de aula um ambiente saudável, permitindo que todos os alunos pudessem participar ativamente e sem receios, pois, de acordo com Cury, “*A sala de aula não é um exército de pessoas caladas nem um teatro onde o professor é o único ator e os alunos, espetadores passivos. Todos são atores da educação. A educação deve ser participativa*”⁹.

Todos estes meses foram de aprendizagem e de crescimento constante, tanto a nível pessoal como profissional. Presencialmente, lecionei 11 aulas de noventa minutos, não me referindo aqui a quaisquer aulas de consolidação e revisão de conteúdos, correção de fichas de trabalho ou à realização, entrega e correção de fichas de avaliação, não obstante terem sido da minha responsabilidade.

Considero importante referir que o estágio decorreu normalmente até ao final do ano letivo, tendo continuando a lecionar as aulas através do teletrabalho.

⁷ MORGADO, José, *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença, 1999, p. 44.

⁸ Idem, *ibidem*, p. 55.

⁹ CURY, Augusto, *Pais brilhantes, Professores fascinantes – Como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Pergaminho, 2003, p.125.

Devido à pandemia provocada pelo Covid-19, no terceiro período os alunos tiveram dois momentos distintos no seu dia-a-dia escolar: tempos de aulas síncronas e assíncronas. Em relação às aulas síncronas, como professora estagiária fui responsável por 9 sessões lecionadas com carácter autónomo, ainda que, sob a observação da professora orientadora e da colega estagiária.

Nas aulas assíncronas, apesar da não obrigatoriedade da presença dos alunos *on-line*, estes compareciam para esclarecimento, apoio e correção dos trabalhos propostos nos planos de aula.

No que concerne às competências científicas e pedagógicas, sinto-me muito satisfeita com o meu desempenho. Esforcei-me por selecionar criteriosamente várias estratégias de acordo com os conteúdos abordados tendo em conta o perfil dos alunos. O cumprimento das planificações e a produção dos respetivos materiais didáticos foram preparados com grande rigor, tendo sempre presente o ritmo de aprendizagem dos alunos que se querem constantemente estimulados.

O ritmo das aulas foi dinâmico e motivador, tentando sempre cativar a sua curiosidade inata e estimular o gosto pelo conhecimento da História, recorrendo a bibliografia atual, a vídeos ou apresentações da *Escola Virtual* e da *Leya Educação* sobre os temas abordados.

Fui muito crítica relativamente aos critérios e estratégias escolhidas para lecionar as aulas, questionando todos os dias estas seleções e a forma como o fiz, pois aquilo que não me admito é cometer erros científicos.

O estágio ajudou-me a perceber que um professor tem que ter soluções para tudo, solucionar e encontrar estratégias para que os alunos com maiores dificuldades as consigam ultrapassar, recorrendo para tal a materiais específicos. Cada aluno é único e coube-me a mim, enquanto docente, proporcionar-lhes estratégias diversificadas de forma a chegar a todos. Neste sentido, realizei também uma avaliação diferenciada e adequada para que as suas aprendizagens se concretizassem com sucesso.

Relativamente às competências relacionais, tanto na minha vida pessoal como profissional, primo sempre por manter um bom relacionamento com os outros, o que torna os meus dias mais felizes. Senti-me rapidamente integrada na escola, tendo-me relacionado com alunos, professores e toda a comunidade educativa de forma muito positiva. De facto, o ambiente saudável que a Escola transmite faz com que todos nos sintamos acolhidos e em casa, em momento algum senti que era uma professora estagiária.

A relação que estabeleci com os alunos irá marcar-me para sempre, construímos uma relação de proximidade, sustentada no respeito mútuo, no respeito da individualidade, valorizando o que cada um é. Não me posso esquecer que ao chegar ao portão alguns alunos corriam para me darem um beijo ou simplesmente dizerem bom dia.

Conhecer individualmente os alunos, a sua personalidade, as suas dificuldades, permitiu-me ajudá-los a formarem-se enquanto cidadãos mais responsáveis. Isto deixa-me de coração cheio, a verdade é que os afetos também são importantes estratégias pedagógicas. Penso que os alunos perceberam que o meu papel para além de ensinar e avaliar era também ajudá-los a tornar os seus dias “mais felizes”.

Em cada uma destas vivências espelham-se as experiências relacionais que sempre privilegiei e mantive ao longo do meu percurso enquanto professora.

Enquanto aluna estagiária aprendi muito e anseio aprender sempre mais, sinto que o meu conhecimento aumentou exponencialmente dia após dia e isto só acontece com esta realidade educativa, com todas as experiências e com todo um futuro de aprendizagem que tenho pela frente. Como afirmam Alarcão e Tavares, “*a formação de um professor não termina, porém, no momento da sua profissionalização; pelo contrário, ela deve prosseguir, em continuidade, na chamada formação contínua*”¹⁰. A formação docente deve ser um aspeto sempre valorizado uma vez que, no seu dia-a-dia lida com um “público” muito exigente – os alunos, a quem deve inspirar e até servir de modelo.

Numa busca pelo saber que se quer cada vez mais ativa, o docente não pode nunca descurar o papel das novas tecnologias na transmissão de saberes, servindo estas como elo de ligação entre aluno e professor.

¹⁰ ALARCÃO, Isabel & TAVARES, José, *Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Edições Almedina, SA, 2003, p.113.

Capítulo 2 – VISITAS DE ESTUDO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA

2.1. As visitas de estudo como estratégia pedagógica

As aprendizagens não ocorrem apenas dentro da sala de aula e a aprendizagem da História não é exceção. Neste sentido, as escolas e os docentes têm à sua disposição uma panóplia de estratégias de ensino a serem exploradas e aplicadas, como é o caso das visitas de estudo.

Considera-se pertinente começar por apresentar o conceito de visita de estudo, de acordo com o Despacho nº 6147/2019 de 4 de julho de 2019, que define as linhas orientadoras a adotar pelas escolas na organização e realização das visitas de estudo. O Artigo 4º diz que para efeitos de aplicação do presente despacho, entende-se por

“ «Visita de estudo», a atividade curricular intencional e pedagogicamente planeada pelos docentes destinada à aquisição, desenvolvimento ou consolidação de aprendizagens, realizada fora do espaço escolar, tendo em vista alcançar as áreas de competências, atitudes e valores previsto no Perfil dos Alunos à saída da Escolaridade Obrigatória e, quando aplicável, no perfil profissional associado à respetiva qualificação do Catálogo Nacional de Qualificações ”¹¹.

A utilização das visitas de estudo neste contexto deve ser claramente enquadrada na missão e nos objetivos do estabelecimento de ensino e adequada ao processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História, uma vez que a mesma é “uma atividade curricular”, e, como tal, não deverá suscitar dúvidas da sua pertinência, bem como a sua inserção no Plano Anual de Atividades. A comunidade escolar deve ter consciência das vantagens inerentes à sua realização segundo as orientações fornecidas pelo documento orientador supracitado.

As visitas de estudo têm vindo a ser consideradas por vários docentes e investigadores como uma estratégia revestida de várias potencialidades, capaz de motivar os alunos para a aprendizagem. António Almeida define esta estratégia como “qualquer deslocação efetuada por alunos ao exterior do recinto escolar (...) com objetivos educacionais mais amplos ao do mero convívio entre professores e alunos”¹². Já Monteiro defende que a visita de estudo é

¹¹ Diário da República, 2.ª série _Nº 126- 4 de julho de 2019, Despacho Nº 6147/2019, Artigo 4º.

¹² ALMEIDA, António – *Visitas de Estudo: conceções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998, p. 51.

*“uma das estratégias que mais estimula os alunos, dado o carácter motivador que constitui a saída do espaço escolar. A componente lúdica que envolve, bem como a relação professor-alunos que propicia, leva a que estes se empenhem na sua realização. Contudo, a visita de estudo é mais que um passeio, constitui uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos, proporciona e facilita a sociabilidade”*¹³.

A visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula e motiva os alunos por consistir na saída do espaço escolar. *“O contacto direto com as fontes históricas torna-se uma mais-valia no processo de ensino-aprendizagem”*¹⁴. Esta afirmação de Proença foi totalmente elucidativa e orientadora na ideia de realizar uma visita de estudo a Conimbriga. O maior objetivo será proporcionar aos alunos a observação e o estudo dos objetos no local onde foram concebidos, sendo de grande relevância a perceção, por parte dos alunos do meio envolvente. Deste modo, tentarei transportá-los para um ambiente concreto, que seria de difícil de explicação em contexto de sala de aula.

Desde que corretamente dinamizadas, proporcionam aos alunos uma oportunidade para ampliarem e consolidarem aprendizagens através do contacto direto com a realidade, sendo uma atividade criativa e promotora do desenvolvimento integral do aluno. Despertam nos alunos o gosto pela descoberta e exploração, consolidando os conhecimentos já adquiridos.

As visitas de estudo são avaliadas como *“experiências educativas válidas”*¹⁵, bem como *“facilitadoras da aquisição de conhecimentos por proporcionarem um clima de aprendizagem mais descontraído, aspeto que se reflete na motivação dos alunos, que passam a ficar mais disponíveis para aprender”*¹⁶.

Ora, se por um lado Almeida nos indica as vantagens das visitas de estudo, por outro critica o facto de esta prática ser levada a cabo pelos docentes, muitas vezes, sem um propósito bem definido, deixando latente a ideia de um mero *“convívio no finalizar de um período ou ano letivo”*¹⁷.

No entanto, uma visita de estudo não é um passeio, é muito mais do que isso, estabelece uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos. E, para além de serem encaradas como um mecanismo facilitador da aquisição de conhecimentos, as visitas de estudo podem ajudar a despoletar o desenvolvimento das competências sócio afetivas dos alunos.

¹³ MONTEIRO, M. *Intercâmbios e Visitas de Estudo*, in A. Carvalho & J. Marques (orgs.), *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora, 1995, p. 188

¹⁴ PROENÇA, Maria Cândida – *Ensinar/Aprender História: questões de didática aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990, p. 137.

¹⁵ ALMEIDA, António – *Visitas de Estudo: concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998, p. 19.

¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 19.

¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 20.

Na minha opinião, as visitas de estudo quebram a monotonia das aulas de história, tornando-as mais interessantes e motivantes para os alunos.

De facto, a motivação é um conceito que está sempre presente quando pensamos nesta estratégia, “*a visita de estudo pode servir como motivação para o início de uma unidade temática*”¹⁸. No entanto, também pode e deve ser realizada com vista à consolidação de conhecimentos, após a exposição dos conteúdos. Pois permitem que estes observem e interajam com o que aprenderam e saiam da sua rotina diária. Criam motivação, empenho e promovem aprendizagens, dando-lhes oportunidade de terem contacto com locais que poderiam não ter acesso devido a várias limitações.

O ensino das ciências foi até algumas décadas centrado apenas no professor, considerando-se a sala de aula como único espaço de aprendizagem e a capacidade mais importante a desenvolver nos alunos era a memorização dos conteúdos transmitidos¹⁹. No entanto, o processo ensino-aprendizagem alterou-se e revestiu-se de novas estratégias, constituindo-se as visitas de estudo numa mais-valia na didática da história ao modificar o espaço de aprendizagem.

Como afirma Abreu, “*através das experiências produzidas pela observação direta de documentos reais, todos os outros métodos ganham eficácia e novas potencialidades didáticas*”²⁰. A visita de estudo é assim, capaz de modificar a atitude do aluno perante o manual escolar e a História. Pois, ensinar História de um modo expositivo na sala de aula é diferente do que ensiná-la durante uma visita, em que os alunos recebem e colhem informações através da observação direta dos vestígios históricos. Fazer reviver o passado exige muito mais do que explicar, desenvolver ou expor na aula o que vem descrito no manual.

A visita aos locais referenciados em sala de aula permite aos alunos constatarem e experienciarem acontecimentos históricos, bem como adquirirem a noção de que os conteúdos programáticos transmitidos pelo professor e patentes nos manuais foram reais. Assim, as visitas de estudo constituem uma continuidade e um complemento da apresentação oral do docente, oferecendo inúmeras vantagens didáticas. Efetivamente, os alunos moldam a sua opinião e atitude tornando-a mais ativa na construção do seu próprio saber, facilitando-lhes a compreensão de alguns requisitos da investigação histórica²¹.

Tendo contacto direto com as fontes ou vestígios históricos, o aluno começa a perceber o quanto trabalhosa e intensa é a tarefa do historiador. E, tal como os historiadores, precisam compreender o porquê de certas personagens históricas terem atuado no passado de uma

¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 72.

¹⁹ ABREU, Maria Manuela, *As visitas de Estudo no ensino da História*, Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1972, p. 23.

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 148.

²¹ Idem, *ibidem*, p. 149.

determinada forma, e o que pensavam enquanto agiam, mesmo que não o entendam tão bem quanto um historiador. É importante que compreendam estes fatores, caso contrário, as personagens tornam-se desconhecidas, pessoas exatamente como nós, agindo de uma forma incompreensível. Aqui a empatia é um elemento necessário para o entendimento da História, tanto para o aluno como para o historiador.

A empatia histórica não serve só para os alunos saberem o que os agentes ou grupos históricos fizeram e porque o fizeram, serve também para eles perceberem de que forma as ações tomadas por esses agentes históricos influenciaram, de algum modo, o presente.

“Ao contrário, a empatia histórica pode ser melhor entendida como uma realização – algo que acontece quando sabemos o que o agente histórico pensou, quais os seus objetivos, como entenderam aquela situação e se conecta tudo isto com o que aqueles agentes fizeram”²².

No desenvolvimento da compreensão histórica, os alunos vão compreendendo que as pessoas, no passado, tinham as mesmas capacidades que nós de pensar e sentir, não viam o mundo da maneira que nós o vemos hoje. Tentar encontrar sentido de algumas ideias e práticas do passado pode levar a explicações ou resultados poucos satisfatórios, é necessário reconstruir a cultura, o sistema de valores e as situações. Entender isto é, de facto, uma grande evolução, porque significa *“que podemos continuar a construir História considerando as situações que de outra forma a poderiam paralisar”²³.*

2.2. Organização e dinamização das visitas de estudo presenciais

As visitas de estudo podem ser dinamizadas em qualquer espaço, desde que haja criatividade as atividades poderão ser inesquecíveis para os alunos e muito produtivas em termos de aprendizagem. Os professores podem levar os seus alunos a museus, teatros, sítios com vestígios arqueológicos, monumentos, bibliotecas, arquivos, entre outros, pois todos os locais são oportunos, desde que tenham uma finalidade educativa. *“(…) qualquer que seja a opção de um professor quanto à localização de uma visita de estudo numa unidade temática esta deve ser feita de uma forma consciente e fundamentada”²⁴.*

²² LEE, Peter, “Nós fabricamos carros, eles tinham que andar a pé, Compreensão da vida no passado”, in BARCA, Isabel. (org.) Educação histórica e museus, Atas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica, série 9, CEEP – IEP Universidade do Minho, Braga, 2003, p. 20.

²³ Idem, *ibidem*, p. 27.

²⁴ ALMEIDA, António – *Visitas de estudo: conceções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998, p. 73.

Para a sua concretização, é necessário cumprir diversos procedimentos que garantam que a sua realização seja um sucesso. Não existe uma fórmula para se planearem e dinamizarem as visitas de estudo. Os procedimentos e estratégias a utilizar dependem muito do contexto, dos alunos e do próprio professor. Todavia, estas atividades devem potenciar o processo de ensino/aprendizagem e motivar os alunos para a disciplina de História, dando também espaço para a pedagogia das atitudes, dos valores e para a preservação e valorização do património histórico.

É uma atividade que deve ser cuidadosamente planeada. Será de grande importância que o professor se prepare cientificamente, sendo capaz de dar resposta a todas as questões colocadas pelos alunos. Deve preparar convenientemente os conteúdos a abordar em sala de aula e durante a visita para que haja coerência na informação, evitando inconsistências. E, não menos importante, é essencial que os alunos estejam envolvidos e que assumam um sentido de responsabilidade. *“Todas as etapas da organização de uma visita de estudo são fundamentais e constituem momentos metodológicos de organização e planificação duma experiência educativa desta natureza”*²⁵.

De facto, organizar uma visita de estudo requer muito tempo e muito trabalho. Exige uma preparação laboriosa que passa também por uma visita prévia, feita pelo professor, aos locais a visitar.

Abreu (1972) sugere-nos um conjunto de regras de organização das visitas de estudo:

- 1- *“As visitas devem ser «aulas práticas», e como tal devem ser concebidas e convenientemente preparadas”*²⁶. – É necessário que os alunos não vejam as visitas de estudo como um mero passeio ou uma excursão. Sendo «aulas práticas», devem estar previstas no plano de trabalho do professor e no Plano Anual de Atividades.

- 2- *“As visitas de estudo devem circunscrever-se a um objetivo bem determinado, obedecendo a sua escolha às exigências de ilustração ou desenvolvimento de um tópico específico do «programa»”*²⁷. – Com o fim de retirar da visita uma maior utilidade e eficácia pedagógicas, deve atribuir-se-lhe uma finalidade precisa e bem delimitada, que contrarie a tendência para transformá-la num simples *“passa para ver”*²⁸.

²⁵ OLIVEIRA, Hélder – *As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida*, 2013, p. 183.

²⁶ ABREU, Maria Manuela, *As visitas de Estudo no ensino da História*, Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1972, p. 155.

²⁷ Idem, *ibidem*, p. 155.

²⁸ Idem, *ibidem*, p. 156.

- 3- *“Na organização de visitas de estudo deve ser solicitada a colaboração dos diretores dos «locais» a visitar”*²⁹. – O professor deve contactar o responsável do local a visitar para explicar a intenção e os objetivos da visita.
- 4- *“A visita de estudo deve ser preferentemente orientada por guias especializados”*³⁰. – O guia especializado encontra-se em melhores condições de escolher o que pode e deve mostrar aos alunos. Caso o local a ser visitado não tenha um guia especializado, obrigatoriamente, o professor assume esse papel.
- 5- *“A visita de estudo deve constituir uma oportunidade e um incentivo para a atividade pessoal dos alunos”*³¹. – A visita é organizada para os alunos, assim, é necessário incutir e encorajar a sua participação. Para tal, o professor deve comunicar com antecedência os objetivos da visita.
- 6- *“O número de alunos visitantes nunca deve ser superior a quinze”*³². – Uma vez que as turmas atualmente são muito grandes, torna-se necessário dividir os alunos em grupos de quinze. Cada grupo faz a visita separadamente, assim, evita-se distrações e garante-se melhor observação do local, melhor audição aos comentários do guia ou do professor.
- 7- *“A duração da visita de estudo não deve exceder o limite máximo de duas horas”*³³. É evidente que, a duração da visita depende da idade dos alunos e dos objetivos pretendidos com a sua realização. No entanto, se a duração for razoável, de uma a duas horas, a reação dos alunos será positiva. Quando a visita é exaustiva e de grande duração, os alunos tendem a ficar cansados e, conseqüentemente, desmotivados.

Para além das regras definidas anteriormente, é também importante definir a metodologia a adotar, de forma a concretizar os objetivos definidos na fase de planeamento da visita de estudo. Proença (1992) apresenta-nos três classificações:

²⁹ Idem, *ibidem*, p. 156.

³⁰ Idem, *ibidem*, p. 157.

³¹ Idem, *ibidem*, p. 158.

³² ABREU, Maria Manuela, *As visitas de Estudo no ensino da História*, Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1972, p. 160.

³³ Idem, *ibidem*, p. 160.

- Visita dirigida - quando a visita é orientada pelo professor e os alunos são divididos e organizados em grupos;
- Visita livre - quando os alunos, munidos de um guião ou roteiro, fazem a visita livremente aos locais assinalados;
- Visita mista – quando numa visita, a primeira parte é orientada pelo professor e, na segunda parte, os alunos realizam trabalho autónomo utilizando um roteiro ou outro material de orientação.

A autora enfatiza diferenças na forma como são implementadas as visitas de estudo; uma forma mais ativa, promovendo uma maior autonomia dos alunos e uma forma mais passiva, centrada no professor. Todas estas modalidades são válidas, todavia, pressupõe-se que o professor tenha um conhecimento alargado e concreto das características dos alunos da turma, pelo que deve fazer uma análise exaustiva dessas particularidades de forma a tomar a melhor decisão.

O professor, caso opte por assumir a visita deve visitar previamente o local, de forma a identificar o que melhor pode ser potenciado e identificar eventuais situações problema.

É essencial que o local e o tema da visita de estudo estejam enquadrados com o currículo da disciplina e adequado ao nível letivo dos alunos. Também deve surgir um guião da visita, onde devem constar as informações básicas, tal como: o dia da atividade, o horário da partida e da chegada, o material necessário e o itinerário. Neste guião deve estar referido o tema, assim como os objetivos (gerais e específicos), cabendo ao professor definir quais os conteúdos programáticos a explorar. Podemos integrar neste guião pequenos textos informativos sobre o local a visitar de forma a despertar curiosidade nos alunos³⁴.

É imperativo delinear os objetivos, a definição dos mesmos é relevante para se perceber efetivamente o que se pretende alcançar e eventuais limitações ou constrangimentos que possam surgir. Os objetivos da visita devem ser do conhecimento dos alunos. Na fase da visita haverá o registo e a organização da informação, para que na fase seguinte (pós-visita) seja possível retirar conclusões e fazer uma reflexão sobre a pertinência da mesma. Esta fase final do processo não deve ser ignorada, pois garante que a coerência da pertinência da visita de estudo seja alcançada, os alunos devem compreender a informação, de forma a sistematizá-la, enquadrada nos conteúdos da disciplina de História.

³⁴ MONTEIRO, M, *Intercâmbios e Visitas de Estudo, in Novas Metodologias em Educação*. Porto, Porto Editora, 1995, p. 191.

Na fase “após” a visita, muitas vezes, a realização de um relatório é encarada como o momento mais “aborrecido”, pois não é inovador nem cativante. O docente deve procurar estratégias criativas de forma a retirar as principais conclusões da visita, sem que para isso seja obrigatório que os alunos preencham o habitual relatório, estes devem fazer uma ligação emocional e científica daquilo que aprenderam sem o estigma do relatório.

As visitas de estudo podem proporcionar um ensino ativo e interessante no âmbito da História. Os alunos podem aprender de uma forma mais integradora, na medida em que têm a oportunidade de adquirir conhecimentos *in loco*, como já foi referido. Os alunos terão oportunidade de vivenciar, de certa forma, os conteúdos que o programa curricular prevê. Apresenta-se como uma estratégia que concorre para a efetivação de uma educação para a cidadania, pois através dela, os alunos desenvolvem valores e atitudes que são indispensáveis para que se tornem cidadãos informados, críticos, ativos e integrados na sociedade.

Por norma, esta atividade é realizada fora do espaço escolar, sendo num ambiente pouco familiar à grande maioria dos alunos, podendo gerar um maior grau de distração. Segundo Orion (1989, citado por Almeida 1989) designa esse local, que é desconhecido pelos alunos por “*espaço novidade*”³⁵, conforme consta na figura 1.

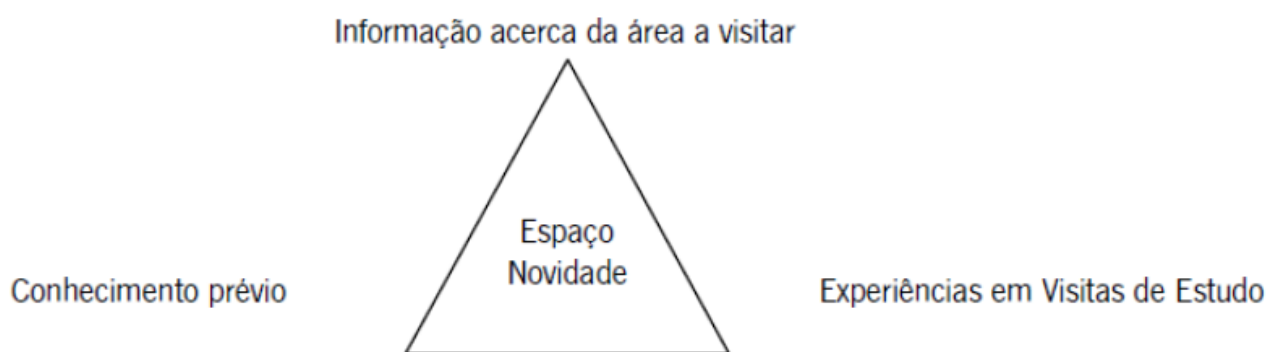


Figura 1 – Esquema sobre o ‘espaço novidade’.

Fonte: António Almeida, 1989, p. 69.

Depreende-se que o “espaço novidade” é, de certa forma, influenciado pelo conhecimento prévio dos conteúdos programáticos, isto é, os conhecimentos que o aluno já adquiriu, relacionados com a temática, até ao momento da realização da visita. Por outro lado, também será tida em conta a sua experiência em visitas de estudo anteriores e a informação acerca do local a visitar, sendo

³⁵ ORION, N., cit. in ALMEIDA, António - *Visitas de Estudo: Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998, p. 69.

que essa informação poderá ser fornecida pelo professor ou pesquisada pelo próprio aluno. Dessa forma, o aluno estará mais ou menos envolvido na visita de estudo, consoante o seu grau de conhecimento e interesse.

De facto, a novidade que a maioria das visitas encerra pode levar os alunos “a um comportamento ativo, excitado e explorador, quase sempre num sentido diferente do que o professor pretende”³⁶. Estes mesmos autores alegam que a lógica de atuação será «transformar o novo e menos novo» ao se trabalhar as três dimensões dos vértices do triângulo que compõem o espaço novidade. Quanto às experiências em visitas de estudo é facto aceite que os alunos terão um comportamento mais apropriado, se forem participando ao longo dos anos, em diversas visitas a locais distintos.

O seu conhecimento provem da interligação entre as três vertentes, nomeadamente, conhecimento prévio, experiências em visitas de estudo e a informação acerca da área a visitar.

O professor deve ter conhecimento das potencialidades das visitas de estudo de forma a rentabilizar esta estratégia no processo ensino-aprendizagem; estas apresentam várias potencialidades³⁷, tais como:

- Permitem que os alunos observem e interajam com o que estão a aprender;
- Possibilitam iniciar o estudo de determinados assuntos ou aplicar e expandir conhecimentos anteriores;
- Permitem fugir da rotina, constituindo um poderoso elemento de motivação e envolvimento e, conseqüentemente de promoção de aprendizagens;
- Proporcionam o contacto dos alunos com locais e situações aos quais poderiam não ter acesso por limitações diversas;
- Facultam uma aprendizagem contextualizada e integradora de saberes de diversas áreas;
- Facilitam a perceção da relevância das aprendizagens efetuadas;
- Reforçam as relações entre os alunos e entre estes e o professor.

³⁶ ALMEIDA, A. & VASCONCELOS, C. *Guia prático para atividades fora da escola*. Lisboa: Fonte da Palavra, 2013, p. 62.

³⁷ REIS, Pedro. *Propostas para planeamento, exploração e avaliação de visitas a museus e centros de ciência*. KIT Pedagógico. Lisboa: Texto Editora, 2009.

2.3. As Visitas de Estudo Virtuais

As visitas de estudo presenciais revestem-se de particular relevância no ensino, nomeadamente na disciplina de História, onde esta estratégia é muito importante. Apesar da sua pertinência para o processo ensino-aprendizagem, existem inúmeros fatores que podem condicionar a sua realização. Esta impossibilidade convida os professores a criarem alternativas de forma a colmatar essas limitações e a proporcionar aos alunos a possibilidade de através do mundo virtual vivenciarem de forma mais prática e interativa a sua aprendizagem.

É nesta perspetiva que surgem as visitas de estudo virtuais (VEV). Neste propósito, não podemos deixar de fazer referência às tecnologias da informação e da comunicação (TIC), que devem ser consideradas como um recurso indispensável e como uma ferramenta que se apresenta como alternativa na execução de tarefas que os professores e alunos são desafiados a concretizar.

De facto, atualmente, as tecnologias móveis estão cada vez mais presentes nas escolas e no dia-a-dia dos alunos, e sendo a sua utilização imprescindível no ensino da História, cabe aos professores incentivá-los para que, de forma autónoma e promotora, consigam aplicá-las no contexto escolar, podendo assim assumir o controlo da sua aprendizagem.

“A tecnologia móvel vem também aumentar a qualidade do processo educativo pois, para além de propiciar uma aprendizagem construtivista, permite que haja uma comunicação muito mais rápida entre professor e estudante e também que a motivação deste mesmo estudante aumente devido ao facto de que não precisa de esperar que o conhecimento chegue até si, pelo contrário, pode assumir o controlo da sua aprendizagem e aceder a todo o conhecimento que achar necessário para cumprir os seus objetivos”³⁸.

Como refere a autora, os alunos além de poderem adquirir conhecimentos sem dependerem diretamente do professor, podem através do seu espírito crítico compreenderem e abordarem toda a informação histórica que desejarem.

Com o crescente uso das novas tecnologias, são cada vez mais as instituições que colocam os seus acervos, ou parte deles, à disposição de todos, transcendendo desta forma as barreiras ou limites impostos pelo tempo, espaço ou distância. É o caso dos Museus, Igrejas e/ou outros monumentos repletos de História, que passaram a disponibilizar ao público através da Internet as suas coleções e espaços. Desta forma, proporcionam VEV particularmente interessantes, uma vez

³⁸ TRINDADE, Sara Dias, “Ambientes digitais de aprendizagem, comunidades de prática e dispositivos móveis”. In Educação e Tecnologias: reflexões e contribuições teórico-práticas, São Carlos, 2018.

que, constituem uma oportunidade de visita a quem se encontra impossibilitado de o fazer por diversas circunstâncias. Esta virtualização do Património configura novas potencialidades para o ensino da História, apresenta-se como um recurso pedagógico com diversas possibilidades de exploração, promovendo a aprendizagem e as relações entre o passado e o presente e o mundo tecnológico e o histórico. Este pensamento é fundamentado por Trindade e Ribeiro, quando afirmam que,

“Conscientes de que os estudantes estão atualmente muito próximos de diferentes realidades tecnológicas e que, por outro, as visitas de estudo são uma estratégia de aprendizagem, frequentemente, utilizada por professores de História, entendemos ser útil ao desenvolvimento de profícuos ambientes de aprendizagem e a criação de estratégias que unem esses dois “mundos”: o tecnológico e o histórico”³⁹.

São vários os autores que têm estudado o conceito da VEV, apresentando-a como uma estratégia de aprendizagem e motivação, possibilitando aos alunos de viajarem sem saírem da escola ou de casa e estabelecerem relações entre os conceitos abordados na sala de aula e o meio exterior. Segundo Klemm e Tuthill, as VEV são *“uma estratégia que motiva os alunos para o estudo do meio e para a aprendizagem, devendo ser usada como ferramenta cognitiva na sala de aula”⁴⁰*. Para as autoras, este conceito *“engloba uma grande variedade de soluções educativas e tecnológicas, apresentações multimédia que, através do computador, permitem aos alunos contactar com imagens, sons e descrições de lugares distantes”⁴¹*. Também Cox e Su (2004), consideram que esta ferramenta pedagógica *“facilita o acesso a uma diversidade de conteúdos, evidenciando também a sua adaptabilidade aos diversos estilos de aprendizagem dos alunos”⁴²*.

É de facto consensual a importância, o potencial pedagógico e as possibilidades de exploração deste tipo de experiências virtuais. Klemm e Tuthill atribuem-lhes essencialmente duas funções⁴³.

- Apoiar a concretização de visitas de estudo tradicionais, de forma prévia ou posterior à sua realização;

³⁹ TRINDADE, Sara Dias e RIBEIRO, Ana Isabel, Universidade de Coimbra digital: *Visitas de estudo guiadas por tablets*. In Atas do IV Congresso Internacional de TIC e Educação. Lisboa: Instituto de Educação, 2016, p. 187.

⁴⁰ KLEMM, B & TUTHILL, G. *“Virtual Field Trips: Best Practices”*. Journal of Educational Media, Vol. 30 (2), (2003), p. 177.

⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 178.

⁴² COX, S. & SU, T. *“Integrating student learning with Practitioner Experiences- Virtual Field Trips”*. Journal of Educational Media, Vol. 29, nº2, 2004, p. 120.

⁴³ KLEMM, B & TUTHILL, G. *“Virtual Field Trips: Best Practices”*. Journal of Educational Media, Vol. 30 (2), (2003), p. 178.

- Constituir uma alternativa às visitas de estudo tradicionais, quando a sua realização não é possível.

No que diz respeito à primeira função, as autoras reconhecem-lhe uma importante utilidade, quer para o professor quer para os alunos. Se realizada previamente, a VEV auxilia o professor na preparação e planificação da atividade e fornece aos alunos uma visão do espaço a visitar, motivando-os e dando-lhes a conhecer os objetivos que se pretendem alcançar para que esta não se torne num “passeio”. Posteriormente pode ajudar a fazer uma síntese de todos os aspetos abordados na visita tradicional, enfatizando os objetivos que a orientaram.

Relativamente à segunda função, esta aplica-se plenamente a este estudo, pois a VEV constituiu-se numa alternativa à visita tradicional, que neste caso, não foi fisicamente realizada. Assim, esta atividade pode e deve ser utilizada como apoio ao estudo de variadíssimos temas e para abordar determinados objetivos ou competências curriculares.

2.3.1. Vantagens e desvantagens das visitas de estudo virtuais

As VEV como estratégia de aprendizagem apresenta como todas as demais, vantagens e desvantagens. Klemm e Tuthill, (2003) e Foley citado por Jonassen, (2007), apresentam-nas como experiências enriquecedoras de aprendizagem, destacando-lhes inúmeras potencialidades⁴⁴, tais como:

- Apresentam uma maior segurança e menores constrangimentos para os alunos, quer por motivos económicos, quer de ordem pessoal, institucional ou de logística, pois a única exigência é um computador com ligação à internet;
- Permitem aumentar a sua frequência e variedade, podendo estas VEV serem realizadas ao longo do ano letivo e em estreita articulação com o currículo escolar;
- Proporcionam o encontro com novos locais inacessíveis e experiências impossíveis de concretizar doutra forma;
- Permitem ao professor inovar e modificar a sua prática pedagógica em função das características dos seus alunos, selecionando as informações e atividades que considera mais importantes. Assim, os alunos podem aprender e explorar os locais de acordo com o seu ritmo, interesses e dificuldades;

⁴⁴ JONASSEN, D. *Computadores, ferramentas cognitivas: desenvolver o pensamento crítico nas escolas*. Porto: Porto Editora, 2007, p. 62.

- Potenciam práticas dinâmicas e interativas, permitindo aos alunos aprofundarem aspectos que considerem mais interessantes;
- Fomentam a concentração e motivação dos alunos e o cumprimento das tarefas propostas.

Não obstante, as potencialidades enunciadas anteriormente, as VEV também nos apresentam alguns constrangimentos, principalmente no que diz respeito às ferramentas necessárias. Como se pode constatar, hoje em dia (no caso da COVID-19), nem todos os alunos possuem computador e nas escolas não existem computadores suficientes para todos os alunos. Outro motivo é que as escolas muitas das vezes não têm grandes velocidades de acesso à internet, o que dificulta a “entrada” em determinados locais virtuais, podendo em muitos casos a ligação à internet desligar-se. Há também instituições que oferecem visitas pouco interativas, baseadas em imagens estáticas em detrimento das imagens em 3D. Por outro lado, não permitem um contacto real, uma experiência sensorial e até relações de convívio, que na minha opinião são imprescindíveis, pois o contacto humano é essencial na nossa vida.

Tendo em conta o descrito, cabe ao professor equacionar a pertinência e todo o contexto para a aplicação e realização desta estratégia de ensino.

Capítulo 3- METODOLOGIA DO ESTUDO EMPÍRICO

3.1. Questão de investigação e objetivos

Vários estudos exaltam o caráter pedagógico e as potencialidades educativas das visitas de estudo e a integração das novas tecnologias no ensino, enfatizando o seu contributo para o aumento da motivação dos alunos, proporcionando-lhes situações de aprendizagem diversificadas que extravasem o contexto de sala de aula.

O estudo apresentado desenvolve-se sob o tema: “A importância das Visitas de Estudo no ensino da História”, e propõe-se a dar resposta à questão de investigação formulada com base no contexto de intervenção e de investigação.

Assim, foi delineada a seguinte questão:

As visitas de estudo constituem uma estratégia pedagógica eficaz e motivadora no ensino da História?

De acordo com a questão de investigação supracitada, procurámos atingir os seguintes objetivos:

1. Avaliar a perceção que alunos e docentes têm das visitas de estudo para as aulas de História;
2. Identificar os contributos que se podem obter nas aprendizagens da História com a realização de visitas de estudo virtuais.

Este estudo empírico teve como principal objetivo indagar se a realização de visitas de estudo pode ser uma estratégia capaz de motivar os alunos e de os envolver ativamente na construção do conhecimento histórico.

Para o cumprimento deste desiderato, procedeu-se à análise dos dados de modo a identificar as perceções de alunos e professores sobre visitas de estudo e caracterizar as que foram implementadas no âmbito da disciplina de História. Inicialmente, foi organizada e planificada uma visita de estudo presencial que devido à impossibilidade de se concretizar, como já referido anteriormente, foram realizadas duas visitas de estudo virtuais, capazes de complementar a mesma.

3.2. Opções metodológicas

Tendo em conta que, com esta investigação, se pretendia analisar e aferir a opinião dos alunos e professores relativamente às visitas de estudo, compreendendo a sua importância e eficácia enquanto estratégia pedagógica no ensino da História, optou-se por uma metodologia de investigação de teor misto (qualitativa e quantitativa), propondo-se, desta forma, uma visão de integração e de complementaridade. Seguiu-se a ideia expressa por Coutinho (2013) de uma complementaridade metodológica, ultrapassando o debate qualitativo-quantitativo que se afigura cada vez mais importante quando se procura estudar uma dada realidade social e educativa.

A recolha de dados para o estudo teve por base dois questionários, um para os alunos, com questões fechadas (método quantitativo) e outro para os docentes, com questões abertas (método qualitativo), refletindo as perguntas de um quadro teórico já apresentado.

Bogdan e Biklen consideram que na investigação qualitativa *“os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em fenómenos descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico”*⁴⁵. Para que seja uma investigação qualitativa, os seus modelos sugerem que o investigador esteja em campo, faça observação, emita juízos de valor e que analise, sendo essencial que o investigador tenha uma capacidade interpretativa nunca perdendo o contacto com o desenvolvimento do acontecimento em estudo.

Contudo, nas investigações educativas, o modelo de investigação quantitativo também é muito adotado, pois através deste, poderemos retirar e tratar inúmeras informações estatísticas. Para Coutinho, do ponto de vista concetual, a perspetiva quantitativa, *“centra-se de factos e fenómenos observáveis e na medição/avaliação de variáveis comportamentais e/ou socio afetivas passíveis de serem medidas, comparadas e/ou relacionadas no decurso do processo de investigação empírica”*⁴⁶.

Identificada que está a temática a estudar – Visitas de Estudo – partimos para a sua caracterização através de dois estudos de caso.

O estudo de caso, enquanto estratégia de investigação é abordado por autores como Yin (1993) e Stake (1994), ambos defendem que um estudo de caso tanto pode ser algo concreto como um indivíduo e/ou grupo, como pode ser algo mais abstrato, como por exemplo decisões e processos de implementação ou de alterações a nível organizacional.

O estudo de caso tem como singularidade o objetivo de a investigação ser o estudo intensivo de um caso. Como ainda não existe uma sistematização dos estudos de caso, o

⁴⁵ BOGDAN, R. e BIKLEN, S., *“Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e ao Métodos”*, Porto: Porto Editora, 2010, p. 16.

⁴⁶ COUTINHO, Clara Pereira, *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina, 2013, p.24.

desenvolvimento deste tipo de projetos de investigação tem uma componente de mais difícil resolução. O estudo de caso é uma metodologia muito abrangente porque cada investigador a interpreta à sua maneira, consoante as abordagens, o desenho metodológico e os aspetos que cada um enfatiza.

De acordo com Yin (2003), um estudo de caso é *“uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos”*. Já para Stake (1994), dada a capacidade dos estudos de caso para fazer generalizações, é da opinião que os estudos de caso têm como finalidade, através da particularização do caso, o tornar compreensível.

Como foi referido, o instrumento central de recolha de dados foi um questionário, tendo sido aplicado aos respetivos inquiridos. Os alunos responderam ao questionário em contexto de sala de aula e os professores responderam através de correio eletrónico (via email), cujas identificações serão caracterizadas como sujeitos A, B e C.

Terminada a fase da recolha de dados, procedeu-se ao seu tratamento. Nas respostas fechadas, obteve-se as percentagens de cada item. Nas respostas abertas, foram expostas as ideias similares e respetiva reflexão.

É de ressaltar que ao longo deste estudo foi sempre clarificada a sua intenção e assegurado o anonimato dos participantes, aspetos considerados fundamentais em qualquer investigação.

3.3. Participantes do estudo

Para a prossecução dos objetivos do estudo e da questão de investigação, o presente estudo foi implementado com uma amostra de 65 alunos, (uma vez que 4 alunos com medidas adicionais não se encontravam na sala de aula) e por 3 professores de História do Agrupamento Lima-de-Faria. Os alunos, distribuídos pelas três turmas onde se desenvolveu o estágio pedagógico, frequentavam o 7º ano de escolaridade. Dos discentes que participaram no estudo, 36 são rapazes e 29 são raparigas, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, sendo que a maioria tem 12 anos.

Relativamente à caracterização dos professores participantes, todos são do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 40 e os 60 anos. No que concerne ao tempo de serviço docente, verifica-se que exercem a profissão docente num período que vai de 15 a 38 anos de serviço.

3.4. Instrumentos de recolha de dados

A definição dos instrumentos de recolha de dados constitui um aspeto de grande relevância e crucial num trabalho de investigação, uma vez que podem influenciar de forma bastante clara os resultados do estudo. De acordo com Quivy, R. & Campenhoudt, L., *“A escolha de métodos de recolha de dados influencia, portanto, os resultados do trabalho de modo ainda mais direto: os métodos de recolha e os métodos de análise são normalmente complementares e devem ser escolhidos em conjunto, em função dos objetivos e das hipóteses de trabalho”*⁴⁷.

Considerando a sua diversidade e conscientes de que todos apresentam vantagens e limitações, procurámos selecionar os que melhor se adequavam aos objetivos do presente estudo e às características dos participantes. Para os mesmos autores, a recolha de dados consiste em *“recolher ou reunir concretamente as informações determinadas junto das pessoas ou das unidades de observação incluídas na amostra”*⁴⁸.

Assim, os instrumentos de recolha de dados utilizados, por forma a responder à questão de investigação, foram a observação direta e inquéritos por questionário. As questões foram formalizadas tendo como principal preocupação dar resposta aos objetivos propostos neste relatório.

O questionário aplicado aos alunos antes da visita de estudo foi realizado em ambiente escolar, nas aulas de História e é constituído por 10 questões de resposta fechada, que foram construídas em torno de dimensões bem definidas. Na primeira dimensão, o objetivo era caracterizar os alunos quanto ao género e faixa etária, na segunda dimensão era aferir qual a sua participação e a importância que estes davam às visitas de estudo e, por fim, na terceira dimensão era reconhecer de que forma esta estratégia potenciará o seu conhecimento/aprendizagem.

Foi um questionário anónimo, promovendo aos alunos uma maior segurança nas respostas e a mim uma maior credibilidade.

Relativamente ao questionário aplicado aos docentes, este foi previamente delineado e refletido, tendo sido enviado por correio eletrónico e é constituído por 12 questões de resposta aberta. O principal intuito era adquirir um número considerável de respostas, de diferentes faixas etárias, de forma a obter uma visão mais abrangente dos docentes acerca do tema, enriquecendo este estudo. Não obstante esta pretensão, considera-se, em jeito de reflexão, que este questionário talvez tenha sido demasiado exaustivo e extenso, com um número significativo de perguntas, uma vez que apenas três, do total de sete docentes, responderam ao questionário.

⁴⁷ Quivy, R. & Campenhoudt, L., *“Manual de Investigação em Ciências Sociais”*, Lisboa, Gradiva, 1995, p. 185.

⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 183.

Para além destes instrumentos, ainda foi necessário elaborar guiões exploratórios para a realização das visitas de estudo planificadas de acordo com os resultados obtidos nos questionários realizados.

A observação é de elementar importância, quando se trata de reunir informação sobre a realidade a explorar empiricamente, permitindo cotejar a informação recolhida através dos inquéritos e compreender melhor as perspetivas dos alunos implicados no estudo. As observações foram realizadas durante o desenvolvimento das diversas tarefas e constituíram-se numa importante fonte de recolha de dados. Neste estudo, o investigador é o professor, logo é um observador participante que, no decorrer das aulas vai observando o comportamento e as reações dos alunos às tarefas.

Segundo Creswell (2012), a observação é um processo de recolha de dados que fornece informações em primeira mão acerca das pessoas e das situações que se pretendem investigar. A principal vantagem deste método é a possibilidade de aceder a informações tal como elas acontecem, em ambiente natural, de forma a estudar o comportamento real.

Não obstante a importância da observação, o instrumento central de recolha de dados por forma a obter informação sobre as conceções dos alunos e professores relativamente às visitas de estudo, foram os inquéritos por questionário. Este é um instrumento adequado ao tempo disponível para a recolha e análise de dados e permite o anonimato dos participantes, o que pode assegurar respostas mais sinceras às questões colocadas, dando uma visão mais próxima da realidade.

As versões dos questionários, quer para os alunos, quer para os docentes, eram iniciadas por um parágrafo no qual se apresentava os objetivos do estudo e se convidava à participação, precedidos por uma parte introdutória onde se pretendia recolher os elementos necessários para a sua caracterização, nomeadamente género e idade.

Quando o objetivo foi a realização de VEV, e porque se pretendeu refletir e compreender como é que os alunos reagem à implementação desta atividade, fez-se através de guiões. As reações dos discentes foram obtidas em contexto de aulas síncronas.

Capítulo 4 – ANÁLISE DOS RESULTADOS DO ESTUDO DE CASO

4.1. Estudo de caso número um: As percepções dos alunos

Como ponto de partida para a realização deste estudo, decidiu-se elaborar um inquérito por questionário (Anexo 2), que foi entregue a 65 alunos, distribuídos pelas três turmas do 7º ano de escolaridade que iriam participar na visita de estudo. O desígnio foi aferir qual a participação dos alunos e a importância/relevância no estudo desta estratégia didática.

Após a realização da análise dos dados recolhidos através do questionário e para uma melhor leitura, estes resultados foram traduzidos em tabelas e gráficos com as respetivas percentagens (Anexo 3).

De seguida, apresenta-se de forma descritiva os resultados deste estudo. No que diz respeito à primeira dimensão, identificação, dos 65 alunos que participaram no estudo, 36 são do género masculino e 29 do género feminino. Quanto à faixa etária, estes têm idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, sendo que a maioria tem 12 anos.

Relativamente à segunda dimensão do questionário, participação em visitas de estudo, 92% dos alunos afirma que participa nesta atividade, enquanto 6% respondeu que às vezes participa e apenas 2% disse não participar.

Tabela 1 - Participação em visitas de estudo.

Costumas participar nas visitas de estudo organizadas na tua escola?	Nº de alunos	%
Sim	60	92%
Não	1	2%
Às vezes	4	6%

Quando abordados sobre o que mais gostam nas visitas de estudo, 35% dos alunos dizem que é conviver com os colegas e professores, 48% gostam de aprender observando esses locais e 17% não ter aulas.

Tabela 2 - O que mais gostam nas visitas de estudo.

O que mais gostas nas visitas de estudo é:	Nº de alunos	%
Conviver com os colegas e professores	23	35%
Não ter aulas na escola	11	17%
Aprender, observando os locais visitados	31	48%

Quanto à terceira dimensão, “Percepção dos alunos sobre o seu conhecimento / aprendizagem adquiridas com as visitas de estudo”, e questionados sobre se esta atividade é importante como motivação para a aprendizagem na disciplina de História, 94% dos alunos respondeu que sim, 3% não sabem e apenas 1% afirma não ser importante.

Tabela 3 - Visitas de estudo - motivação para a aprendizagem.

Consideras as visitas de estudo na disciplina de História importantes como motivação para a tua aprendizagem?	Nº de alunos	%
Sim	61	94%
Não	1	1%
Não sei	3	3%

Analisando a tabela 4 e interrogados sobre se as visitas de estudo os ajudam a compreender e a consolidar os conhecimentos da sala de aula, 75% dos inquiridos responderam de forma afirmativa, 22% referiram que em parte e 3% disseram não.

Tabela 4 - Visitas de estudo - compreender e consolidar conhecimentos da sala de aula.

Achas que as visitas de estudo te ajudam a compreender e a consolidar os conhecimentos da sala de aula?	Nº de alunos	%
Sim	49	75%
Não	2	3%
Em parte	14	22%

Quando questionados relativamente às atividades realizadas nas visitas de estudo, 51% dos alunos considerou-as interessantes, 46% afirmou que eram muito interessantes e 3% indicou que eram pouco interessantes.

Tabela 5 - Atividades realizadas nas visitas de estudo.

Considero as atividades realizadas nas visitas de estudo:	Nº de alunos	%
Pouco interessantes	2	3%
Interessantes	33	51%
Muito interessantes	30	46%

Confrontados com a questão sobre a importância da conservação do nosso Património Histórico, 83% dos alunos referiu que sim, 15% respondeu não sei e 2% que não.

Tabela 6 - Visitas de estudo - conservação do nosso Património histórico.

Consideras importante a conservação do nosso Património histórico?	Nº de alunos	%
Sim	54	83%
Não	1	2%
Não sei	10	15%

Concretamente à questão sobre a visita de estudo a Conímbriga, se lhes permitia consolidar os conhecimentos abordados em sala de aula, 98% dos alunos considerou que sim e 2% que não.

Tabela 7 - Visita de estudo a Conímbriga - consolidação de conhecimentos.

Achas que a visita de estudo a Conímbriga te permitirá consolidar os conhecimentos que adquiriste nas aulas?	Nº de alunos	%
Sim	64	98%
Não	1	2%

Por fim, verificando a tabela 8 e questionados sobre a elaboração de um relatório após a visita de estudo, 69% dos inquiridos respondeu que sim e 31% afirmaram que não costumam elaborar o relatório da visita.

Tabela 8 - Visitas de estudo - elaboração de relatório.

Após a visita de estudo, costumam elaborar um relatório?	Nº de alunos	%
Sim	20	69%
Não	45	31%

Pelo exposto, verificou-se que a grande maioria dos alunos participam nas visitas de estudo organizadas pela escola e consideram esta estratégia muito importante como fator de motivação para a aprendizagem da História, indicando que a visita a Conímbriga os ajudaria a compreender e a consolidar os conhecimentos abordados em sala de aula.

Dos dados recolhidos em inquérito, gostaria de salientar que os discentes também destacam como ponto positivo desta atividade o convívio com colegas e professores. Aliado ainda ao facto de aprenderem fora do espaço escolar, como já referido no enquadramento teórico que justifica o

tema deste relatório e patente nas palavras de Proença, quando refere que o contacto direto com as fontes históricas constitui uma vantagem no processo de ensino-aprendizagem.

Os alunos consideraram ainda bastante interessantes as atividades realizadas no decorrer das visitas de estudo, o que responsabiliza os docentes de tornarem a dinâmica desta em novos desafios, de modo a otimizarem a atenção e o interesse de todos os envolvidos, acrescentando sempre algo de inovador. Outro dado recolhido merecedor de atenção foi o facto de poder constatar que a maior parte dos alunos inquiridos não ter por hábito elaborar um relatório no final da visita, deixando assim espaço para outras formas de registo das aprendizagens como por exemplo exposições e trabalhos individuais ou de grupo.

No final da visita de estudo, seria realizado e aplicado um questionário final aos alunos (Anexo 4), que para além de confrontar as várias dimensões, pretendia também perceber o impacto relativamente à utilização dos *QR codes* e se estes consideraram ou não este recurso como uma mais-valia neste processo.

Este inquérito final, composto por 9 questões de resposta fechada, tinha como principal finalidade, avaliar as questões colocadas relativamente à seguinte dimensão: “Perceção dos alunos sobre a utilização dos *QR codes* e o seu impacto na visita de estudo”. O objetivo seria aferir o que os discentes pensam sobre a introdução, a utilização e a motivação desta nova ferramenta na realização desta atividade.

Uma vez que esta visita não se concretizou, a ausência destes dados deixa o estudo mais pobre.

4.2. Estudo de caso número dois: As perceções dos docentes

Simultaneamente, decidiu-se realizar e aplicar um questionário (Anexo 5) a todos os professores de História do Agrupamento Lima-de-Faria, sobre a temática das visitas de estudo, com o intuito de dar voz aos professores, concedendo-lhes a oportunidade de se expressarem acerca das visitas de estudo e verificar as potencialidades desta estratégia no processo ensino-aprendizagem.

Passamos agora a caracterizar os docentes de História que responderam ao questionário:

Sujeito A, professora do sexo feminino, com 33 anos de serviço e 56 anos de idade;

Sujeito B, professora do sexo feminino, com 15 anos de serviço e 40 anos de idade;

Sujeito C, professora do sexo feminino, com 38 anos de serviço e 60 anos de idade.

Dois dos mesmos têm, ao longo dos anos, lecionado com uma maior frequência o 2.º e 3.º ciclo do Ensino Básico, enquanto o outro leciona no Ensino Secundário.

É de referir que todas as docentes exercem as suas funções como professoras de História.

Na primeira pergunta, se considera as visitas de estudo uma estratégia eficaz e motivadora na disciplina de História e porquê, o sujeito A respondeu o seguinte: “Sim, na medida em que os alunos podem materializar conhecimentos adquiridos nas aulas, tomando contacto com as realidades estudadas. Além disso, uma visita é, também, uma forma de promover o relacionamento interpessoal, o espírito crítico, a resolução de problemas, de acordo com o Perfil dos Alunos”.

De facto, os dados obtidos indicaram que todos os inquiridos consideram as visitas de estudo uma estratégia eficaz e motivadora na disciplina de História, uma vez que proporcionam uma aprendizagem mais descontraída, servindo de motivação aos alunos.

Consideram, também, contribuir para a consolidação de conteúdos abordados em sala de aula, pois estes podem conhecer a realidade dos factos de forma diferente, permitindo-lhes esclarecer e complementar conhecimentos *in loco*, bem como aplicar e consolidar os já adquiridos. Esta reflexão encontra-se patente na resposta do sujeito C, que refere: “Tendo em conta que as visitas de estudo podem ser organizadas com o contributo dos serviços educativos dos vários museus/locais a visitar (se existentes), ou pelos professores, podem ser muito enriquecedoras e abrir horizontes aos alunos, funcionando assim como possibilidade de consolidação dos temas abordados em sala de aula”.

Tal como afirma António Almeida na sua obra *Visitas de Estudo, Concepções e Eficácia na Aprendizagem*, quando os professores “*leccionam determinados conteúdos, o espaço físico da aula é limitador da compreensão de determinado assunto*”⁴⁹.

Assim, a História estabelece uma conexão com o passado e, desse modo, ao terem oportunidade de vivenciarem e experienciarem os locais e, devido à sua interligação com o tempo e à perceção do mesmo, os alunos deixam de a questionar.

Quando interrogados sobre a importância da introdução das novas tecnologias nas visitas de estudo, todos os docentes respondem afirmativamente, expondo que os alunos como “seres digitais” apreciam as novas tecnologias o que torna as atividades mais apelativas.

Não obstante a importância atribuída pelas docentes à realização de visitas de estudo, considera-se de grande relevância, trazer para este estudo as concepções destes docentes atinentes às limitações da realização das visitas de estudo e que muito podem comprometer a concretização

⁴⁹ALMEIDA, António – *Visitas de Estudo: concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998, p. 53.

das mesmas. À questão “Costuma organizar/realizar visitas de estudo no âmbito da disciplina?”, todos os inquiridos atestam que atualmente não realizam visitas de estudo ou realizam-nas com menos frequência, como verificamos nas seguintes respostas. O sujeito A refere que “Costumo, mas não é uma regra anual”. O sujeito B diz que “Já realizei mais” e o Sujeito C afirma que “Durante a minha vida profissional realizei várias, agora muito menos”.

Este facto tem como principal fator a desmotivação provocada pela conjuntura atual. Afirmam também que a escola não lhes dá o incentivo necessário para a organização de atividades desta natureza. No seu ponto de vista, para além destes motivos, apontam como principais obstáculos/dificuldades: toda a parte burocrática associada à planificação; a falta de disponibilidade/tempo dos professores em acompanhar as turmas e o facto de as visitas não serem gratuitas para os alunos, tornando os seus custos excessivos. O sujeito C afirma ainda outras limitações, como “A questão dos orçamentos para a contratação do transporte e a necessidade de planificação das atividades para os alunos que não participam nas visitas”.

As proveniências destes obstáculos podem ser diversas, segundo a referência feita por Almeida às teorias de Mason (1980); Baillet, Clavel e Maglione (1989), “*O professor é confrontado cada vez mais com um maior número de exigências, (...) o que o impede de ter tempo necessário para planificar este tipo de atividades*”⁵⁰. Na realidade, todos sabemos que as tarefas inerentes à prática docente, aliadas às exigências burocráticas por parte da escola, absorvem muito tempo ao professor, podendo ser então uma das causas para a não realização das mesmas.

Contudo, e apesar de todas as dificuldades subjacentes, ao analisarmos os inquéritos por questionário realizados aos alunos e aos docentes de História, facilmente percebemos que as visitas de estudo constituem um elemento facilitador da aprendizagem.

António Almeida defende que “*as visitas de estudo podem contribuir ativamente para o desenvolvimento integral do aluno*”⁵¹ e, por tal, na minha opinião, merecem particular atenção por parte dos docentes. O mesmo autor assegura que as visitas de estudo são avaliadas como “*experiências educativas válidas*”, surgindo como “*facilitadoras da aquisição de conhecimentos por proporcionarem um clima de aprendizagem mais descontraído, aspeto que se reflete na motivação dos alunos, que passam a ficar mais disponíveis para aprender*”⁵².

As respostas a este questionário aplicado aos docentes encontram-se transcritas na íntegra em anexo, (Anexo 6), de forma a um melhor esclarecimento por parte do leitor.

⁵⁰ALMEIDA, António – *Visitas de Estudo: concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998, p. 64.

⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 19.

⁵² Idem, *ibidem*, p. 19.

Importa ainda referir que, os questionários realizados aos professores e aos alunos foram analisados e autorizados pela Direção Pedagógica.

Capítulo 5 – PREPARAÇÃO DE VISITAS DE ESTUDO

5.1. A preparação da visita de estudo presencial: Procedimentos e decisões pedagógicas

No sentido de integrar o tema deste relatório “A importância das Visitas de estudo no ensino da História”, na abordagem dos conteúdos programáticos destas turmas, promovendo o sentido de identidade e memória dos alunos foi concebido, desde o início do ano letivo todo um trabalho adjacente à realização de uma visita de estudo a Conímbriga e à Universidade de Coimbra.

Os participantes nesta visita seriam 64 alunos das turmas do 7º ano, acompanhados por 5 professores.

Alicerçada nas respostas do questionário efetuado aos docentes, é facto aceite que às visitas de estudo deve ser dado um grande relevo, enquanto estratégia de aprendizagem, na medida em que despertam nos discentes uma motivação extra na consolidação dos conhecimentos em sala de aula; além disso, enriquecem a sua experiência ao contactarem com vestígios históricos ao mesmo tempo que aprendem a respeitar e a valorizar o nosso Património. São também uma forma de materializar saberes num ambiente mais descontraído, promovendo o relacionamento interpessoal e o espírito crítico. O professor deve saber que *“quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela (...)”*⁵³, tendo-se, por isso, optado pela visita de estudo como estratégia de ensino-aprendizagem.

Neste propósito, toda a organização e planificação foi pensada de forma muito consciente e responsável. Esta visita, para além de comprovar a sua importância e o quanto é significativa para os discentes, tinha também o intuito de colmatar algumas dificuldades de concentração, de aquisição e aplicação de conhecimentos em contexto de sala de aula, uma vez que muitos destes alunos revelam algumas dificuldades no processo ensino-aprendizagem e pouca motivação para as atividades letivas.

Os discentes, através das respostas dadas ao questionário, demonstraram que as visitas de estudo constituem uma estratégia que deve ser cada vez mais valorizada e praticada. Os mesmos aderem a esta atividade de uma maneira entusiasta e interessada, demonstrando assim mais concentração nesta forma de aprender fora do contexto escolar. Outro dos aspetos em consideração

⁵³ RIBEIRO, Jonatas Roque, “*História e ensino de História: perspectivas e abordagens*”, in *Educação em Foco*, Edição n.º 7, 2013, p. 4.

é que os alunos valorizam o convívio com colegas e professores, fazendo com que alguma informalidade neste contexto de ensino (aulas fora da escola) potencie as aprendizagens.

Também uma das finalidades estabelecidas prendia-se com a adequação desta estratégia de ensino às características dos alunos, de forma a facilitar a articulação dos conteúdos e integração dos saberes. A Escola deve contribuir para desenvolver nos alunos valores como o interesse, a valorização e a preservação do Património Histórico, uma vez que a sua formação não passa apenas pelo saber dos conteúdos (o saber pelo saber).

Todo o processo, desde a conceção à realização da visita de estudo foi desafiante, moroso e trabalhoso, pois organizar uma visita de estudo requer tempo, além de exigir a utilização de regras bem definidas para que a sua concretização seja um sucesso. Neste sentido, e como já abordado teoricamente, Abreu (1972) enumera um conjunto de regras que devem ser seguidas na organização desta atividade. Não obstante se ter optado pela sugestão da autora em algumas situações, considerou-se que outras estavam desajustadas à realidade atual do nosso ensino, tendo-se seguido outro caminho.

Assim, segundo Abreu “*As visitas devem ser «aulas práticas», e como tal devem ser concebidas e convenientemente preparadas*”⁵⁴. De facto, é necessário que os alunos não vejam as visitas de estudo como um mero passeio ou uma excursão/uma viagem. Esta atividade deve ser sempre objeto de avaliação e apesar de esta ser formativa, também nos fornece elementos para a avaliação sumativa. Nesta perspetiva, os alunos foram informados da tipologia e do processo de avaliação, consistindo na apresentação oral de um trabalho em PowerPoint ou com outros materiais.

Considera-se importante referir, que os quatro alunos da Turma Y, com Necessidades Educativas Especiais (Medidas Adicionais), e no sentido de promover a sua inclusão, seriam inseridos nos grupos de alunos durante a visita de estudo. No entanto, estes não serão submetidos a avaliação.

Relativamente à finalidade e objetivos da visita, só posso corroborar com a opinião da autora quando afirma que “*As visitas de estudo devem circunscrever-se a um objetivo bem determinado, obedecendo a sua escolha às exigências de ilustração ou desenvolvimento de um tópico específico do «programa»-*”⁵⁵. Neste sentido, a visita de estudo insere-se num tópico específico do programa curricular da disciplina de História, domínio 2 “A Herança do Mediterrâneo antigo”; subdomínio 2.2” Roma e o Império”. Por isso considera-se ser esta a estratégia mais adequada para que os alunos compreendessem a importância da herança e a presença deste povo no nosso território, bem

⁵⁴ ABREU, Maria Manuela, *As visitas de Estudo no ensino da História*, Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1972, p. 155.

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 155.

como a preservação e valorização do nosso Património Histórico. Uma vez que a planificação é essencial para o sucesso da mesma, tanto os conteúdos como os objetivos que devem ser articulados com o perfil dos alunos foram corretamente refletidos, delineados e definidos na planificação da atividade (Anexo 7).

Os objetivos fundamentais da visita a considerar são: Identificar Conímbriga como uma cidade romana; reconhecer o conceito de romanização; enumerar as atividades económicas a que se dedicavam os romanos; identificar os locais de sociabilidade e poder (termas, *fórum* e anfiteatro); distinguir os conceitos de *domus* e *insulae*; reconhecer o carácter prático e utilitário das construções romanas; promover o espírito de tolerância e de diálogo e tomarem consciência da importância de preservarem o Património Histórico.

Destaca-se que as visitas de estudo são um complemento pedagógico das aprendizagens feitas na sala de aula, contribuindo para o enriquecimento científico, cultural, social e relacional dos alunos, ao permitir a ligação entre os conteúdos programáticos teóricos e o mundo real exterior.

Uma outra regra que se seguiu tem a ver com os contactos que devem ser efetuados com os responsáveis das Instituições a visitar, que segundo Abreu, se traduz no seguinte: “*Na organização de visitas de estudo deve ser solicitada a colaboração dos diretores dos «locais» a visitar*”⁵⁶. Foram realizados inúmeros contactos através de correio eletrónico e por telefone com diversas finalidades inerentes a toda a preparação da visita, no entanto, foram também realizadas reuniões presenciais de forma a explicar o intuito e os objetivos da atividade.

Na mesma linha de pensamento, a autora afirma que “*A visita de estudo deve constituir uma oportunidade e um incentivo para a atividade pessoal dos alunos*”⁵⁷. De facto, a visita é organizada para os alunos, sendo por isso perentório e necessário incutir e encorajar a sua participação.

Assim, numa aula de sensibilização ao tema, foi feita uma sessão de esclarecimento de todos os procedimentos a realizar na atividade, bem como lhes foi lançado o desafio de poderem participar mais ativamente na visita, recorrendo à tecnologia *QR code*.

Esta ferramenta dá especial destaque às TIC, que quando utilizadas para fins educacionais oferecem um caminho de renovação das práticas pedagógicas ao mesmo tempo que “empoderam” o aluno através de um sentimento de autonomia. Os *QR code* são assim um excelente recurso que, com critério e planeamento contribuem para aumentar o interesse, a motivação e o desafio nos discentes.

Convém aqui referir, o contacto efetuado com os Encarregados de Educação, no sentido de

⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 156.

⁵⁷ Idem, *ibidem*, p. 158.

autorizarem os seus educandos a utilizarem os telemóveis na aula e na visita de estudo.

Relativamente à tipologia da visita a seguir, não posso concordar inteiramente com a autora, quando afirma que “*A visita de estudo deve ser preferentemente orientada por guias especializados*”⁵⁸. No entanto, há autores que defendem que, no que concerne aos tipos de visitas de estudo também as podemos considerar centradas nos alunos, em que estes controlam o desenrolar da atividade, assumindo um papel e uma participação ativa na aprendizagem que efetuam ao longo da mesma⁵⁹.

De facto, os guias encontram-se em melhores condições, mais habilitados e com informações mais pertinentes sobre o local a visitar, não obstante, se se fizer um contacto prévio ao local e se preparar toda a informação necessária, os conhecimentos do professor serão tão válidos quanto os dos guias, não esquecendo que o preço de cada guia era algo elevado, o que iria contribuir para um orçamento não comportável por parte da maioria dos alunos.

Paralelamente a todo este processo de preparação da visita, a deslocação prévia efetuada aos vários locais, com o fim de recolher informações essenciais destes espaços, revelou-se fundamental e proveitosa na realização de um guião exploratório para entregar aos alunos, tendo em conta as suas características.

Finalmente, não se pode deixar de fazer referência aos aspetos burocráticos que estão associados a este processo e que, pela sua importância não podem deixar de ser mencionados, nomeadamente os documentos elaborados para os Encarregados de Educação, bem como outros documentos oficiais inerentes à conduta da escola. Os Encarregados de Educação receberam vários documentos que explicitavam o propósito da realização desta atividade, contendo informações relativas ao dia e hora da visita; material necessário; objetivos e a respetiva autorização de participação. A título de exemplo, independentemente da visita se encontrar contemplada no Plano Anual de Atividades, a Direção Pedagógica só autoriza a sua realização após verificação de toda a documentação.

Esta reflexão vem no seguimento da opinião recolhida junto dos docentes inquiridos, que apontam como principais obstáculos/dificuldades na realização de uma visita de estudo toda a burocracia associada à planificação que envolve a saída dos alunos do recinto escolar. Os mesmos assumem uma grande desmotivação provocada pela conjuntura atual, traduzindo-se na falta de disponibilidade em acompanhar as turmas, na obrigatoriedade de planificarem atividades para os alunos que não participam na visita bem como na contratação dos transportes.

⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 157.

⁵⁹ BRUSI, D. cit. in Compiani, M.; Carneiro, C. - Os papéis didáticos das excursões geológicas. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra, 1993, p. 96.

No entanto, não nos podemos esquecer que estes procedimentos podem variar de escola para escola, contudo podem constituir obstáculos à realização desta atividade por parte dos professores.

5.2. A visita de estudo presencial – descrição de um projeto

Um dos objetivos deste estudo prendeu-se com a possibilidade de conduzir e aproximar estes alunos, já caracterizados anteriormente, de temáticas históricas. Assim, para a concretização e sucesso da visita de estudo a Conímbriga e à Universidade de Coimbra, foi estruturado um projeto, tendo em conta as seguintes fases: de sensibilização, de organização e da sua dinamização.

Ao longo deste relatório, tem-se vindo a referir a importância desta estratégia na disciplina de História, revestida de grandes potencialidades formativas e constituindo-se num elemento essencial no processo ensino/aprendizagem.

O museu e as ruínas de Conímbriga têm o poder de convidar os alunos a aproximarem-se de factos concretos, relacionando esta realidade e estabelecendo a sua correspondência com os conteúdos explorados em contexto de sala de aula.

Considerou-se fundamental a escolha deste local, bem como a sua realização no final da unidade curricular “A herança do Mediterrâneo Antigo”. Nesta unidade, os alunos ficaram a conhecer a importância da herança (Património material e imaterial) legada pelos romanos às sociedades atuais, bem como verificaram que este povo esteve realmente no território nacional. Estes objetivos concretos foram dados a conhecer aos discentes no decorrer das aulas, sensibilizando-os para a importância de conhecerem e vivenciarem *in loco* os “encantos” de Conímbriga.

O Museu Monográfico tem como missão tutelar as ruínas e promover a sua exposição ao público, pois o seu acervo é exclusivamente composto pelos materiais arqueológicos recolhidos na cidade, apresentando-nos os objetos de uso quotidiano, a riqueza das *domus*, a religião, a economia, a arte, a arquitetura e as superstições da população romanizada.

A fundação de Conímbriga e a maioria das construções nelas erigidas remontam ao tempo do Imperador Augusto (séculos I a. C. – I d. C), altura em que a cidade sofreu importantes obras de urbanização, tendo sido construídas as termas públicas e o Fórum.

Os alunos numa primeira fase sentiram-se sensibilizados e entusiasmados por poderem vivenciar esta experiência, uma vez que o museu e as ruínas de Conímbriga lhes possibilitam reconstruir uma importante cidade do Império Romano. Por forma a elucidar este aspeto, no

questionário aplicado aos alunos, todos, excetuando um, afirmaram que a visita de estudo a Conímbriga lhes permite consolidar os conhecimentos que adquiriram nas aulas. O seu entusiasmo advinha também da possibilidade de experienciarem *in loco* a matéria abordada no decorrer da unidade temática, fomentando o gosto pela História e pela descoberta do legado romano no nosso território.

A definição dos objetivos e todo o processo de planificação foram pensados e cuidadosamente preparados para que os alunos visualizassem estes espaços, relacionassem a informação recolhida com os conteúdos apreendidos, consolidassem esses conteúdos, fomentassem a sociabilização e a relação entre professor-aluno e aluno-aluno e promovessem o respeito e a valorização pelo Património Histórico. Todos estes procedimentos relativos à fase de planificação já foram descritos anteriormente, ações e processos morosos que se distanciaram cerca de cinco meses do dia da visita de estudo, que deveria ter sido realizada no dia 24 de março de 2020.

Precedendo este dia, concretamente três semanas, foi proposto aos alunos o desafio de poderem utilizar, durante a visita de estudo uma nova tecnologia, os *QR codes*, de forma a proporcionar-lhes uma maior interatividade e autonomia, sentindo-se desde logo uma grande motivação e ao mesmo tempo agitação. Este desassossego prendeu-se com o facto de muitos alunos não terem o consentimento dos Encarregados de Educação de trazerem os seus telemóveis para a escola, assunto que ficou resolvido com um pedido de autorização.

O propósito do uso desta ferramenta surgiu da necessidade de inovar, bem como do resultado de uma reunião com o técnico do museu realizada numa visita prévia ao local, que aprovou e disponibilizou todos os meios para a concretização desta atividade.

Vivemos imersos na sociedade da informação e do conhecimento e, na escola, continuam a persistir práticas e métodos de ensino tradicionais que a transformam num espaço pouco interessante para os jovens de hoje.

De forma a despertar nos alunos a curiosidade e o interesse em aprender, de desenvolver o espírito crítico e de fomentar a autonomia, implementei uma nova ferramenta (*QR code*), que iriam utilizar no decorrer da visita de estudo. Esta escolha foi fundamentada no sentido de aliar a inovação das novas tecnologias ao prazer da descoberta, trazendo vantagens na absorção de saberes e registo da informação, constituindo-se um exemplo na promoção de visitas de estudo ativas. Por outro lado, dado o elevado número de alunos para o espaço físico do museu, os *QR codes* constituíram uma forma mais prática de otimizar o tempo da visita estimulando simultaneamente a sua capacidade de trabalho autónomo.

Na realidade, com a ausência destas iniciativas, os alunos não se preparam para enfrentarem as constantes mudanças e avanços que caracterizam a sociedade atual, continuando a assumir um papel pouco ativo na construção do seu próprio conhecimento. Torna-se, deste modo, imperativo engendrar recursos capazes de despertar a “curiosidade” pela disciplina, de atrair a atenção dos discentes e de promover o seu interesse e motivação, de forma a favorecer as aprendizagens.

Enquanto docente, a experiência aliada a uma prática de permanente reflexão, permite-me sustentar que, cada vez mais, se torna necessário preparar estes jovens de forma adequada para os desafios que irão enfrentar.

Neste sentido, impõe-se a adoção de recursos didáticos inovadores orientados para a aprendizagem, através de uma pedagogia ativa, enquadrando-se os *QR codes* nesta atividade.

Um *QR code* (Quick response code) é um código de barras bidimensional, ou seja, em duas dimensões, criado ainda no século XX, em 1994 no Japão pela empresa Denso Wave, que decidiu tornar esta ferramenta acessível a todos desde que fossem cumpridas as normas expostas por eles.

A utilização de *QR codes* evoluiu de forma significativa nos últimos anos, sendo as suas potencialidades descobertas de forma mais rápida com o aumento do uso dos telemóveis. Os *QR codes* têm sido usados como um meio para melhorarem e facilitarem variadíssimos serviços em várias áreas, para que os utilizadores adquiram informações válidas de forma rápida e eficaz. E, o ensino não foi exceção.

Na educação esta ferramenta tecnológica pode ajudar a definir novas estratégias pedagógicas e motivadoras no processo de ensino/ aprendizagem nas várias áreas do saber⁶⁰.

Segundo Law & So (2010), a Universidade de Bath foi a primeira instituição de ensino a utilizar esta ferramenta, ao catalogar o espólio da sua Biblioteca tornou a pesquisa dos livros mais rápida e eficaz.

Atualmente encontramos com facilidade algumas plataformas na *internet* que nos indicam todos os procedimentos para a criação de códigos QR de forma rápida, simples e criativa. Assim, o professor pode integrar esta ferramenta no processo ensino/aprendizagem em prol do aluno, de forma a desenvolver a sua autonomia e espírito de colaboração. De facto, ao surgirem novas ferramentas que possibilitam obter um maior conhecimento por parte dos alunos, o professor deve refletir nas diversas possibilidades da sua aplicação, desenvolvendo diferentes atividades pedagógicas.

⁶⁰ VIEIRA, Lílana & COUTINHO, C.P., “*Mobile Learning: Perspetivando o potencial dos códigos QR na Educação*”, 2013, p. 75.

O uso dos *QR codes*, sustentado no Mobile Learning e aplicado à educação, apresentam-nos várias possibilidades pedagógicas, sendo que, compete a cada professor refletir e adaptar as suas ideias ao que lhe parece ser o mais estimulante no desenvolvimento de uma atividade.

O professor de História pode criar estes códigos como complemento dos conteúdos trabalhados em sala de aula, como por exemplo: vídeos ou imagens de um determinado tempo histórico. Também pode elaborar um mapa com os principais pontos históricos do concelho de residência dos alunos ou usados como recurso numa visita de estudo. São, de facto, variadíssimas as possibilidades de utilização desta ferramenta que se traduzem numa nova dinâmica de ensino e que constituem uma motivação extra para os alunos. Para Ramsden (2008), uma forma útil de pensar nos *QR codes*, é que estes promovem a relação entre o mundo físico e o mundo virtual. Os alunos ao colocarem o seu telemóvel junto ao código, conseguem de imediato fazer a leitura da informação nele contido, podendo guardá-la para posterior consulta.

Assim, ao enquadrarmos os *QR codes* na visita de estudo, tínhamos como objetivo quebrar as barreiras físicas do espaço escolar, proporcionando aos alunos uma nova forma de adquirirem conhecimentos em ambientes não formais. Não obstante, Coutinho afirmar que *“as tecnologias do M- Learning oferecem uma nova e emocionante oportunidade para que os professores coloquem os alunos em ambientes ativos de aprendizagem que são desafiadores, fazendo as suas próprias contribuições, partilhando ideias, explorando, investigando, experimentando, discutindo, porém não pode ser deixado sem controlo e sem suporte”*⁶¹, os alunos podem experienciar e adquirir informação em locais que ainda não dispõem desta tecnologia.

Pedagogicamente os *QR code* devem ser usados, pois são de facto um excelente recurso pedagógico que, de forma planeada, possibilita estimular e incrementar novas atividades, dentro ou fora da escola que despertem o interesse, a autonomia e a motivação dos discentes. Estas atividades tornam-se potencializadoras, na medida em que transporta os alunos para um ambiente de descoberta e de aventura, não descurando a aquisição de conhecimentos.

Ficou assim definido e planeado que, na semana seguinte, na última parte da aula explicar-se-ia e exemplificar-se-ia a utilização e aplicação dos *QR codes*. Assim, através da exploração de um *PowerPoint* (Anexo 8) promoveu-se uma atividade onde os alunos fizeram a aplicação desta ferramenta e a exploraram, mostrando-se envolvidos e muito entusiasmados. Devido à falta de disponibilidade da sala de informática para que os alunos procedessem à pesquisa de informação

⁶¹ COUTINHO, C. *Mobile Web 2.0: New spaces for learning*. In Lee Chao (Edt): IGI Global: Estados Unidos da América, 2011, p. 186.

e execução dos *QR codes*, estes foram realizados pelas professoras, traduzindo-se como um recurso de apoio e onde era possível aceder a todas as informações do museu.

A título de exemplo, o código QR relativo aos mosaicos continha a seguinte informação:

“Os mosaicos foram descobertos em 1869 e permitem-nos saber que o local do achado se encontrava *intramuros*. O primeiro representa o Minotauro, o monstro híbrido de homem e touro, no centro da fortaleza. O segundo mosaico, de composição geométrica mostra-nos vários motivos simbólicos como a roseta de seis folhas”.

Os alunos, ao acederem ao *QR code* referente à escultura, obtinham a seguinte informação:

“As peças de escultura privada conhecidas na cidade dividem-se entre o retrato e a escultura decorativa, como as cabeças femininas idealizadas, representações de deusas e outras figuras mitológicas”.

Ainda apresentando a informação relativa à vitrina das moedas, os alunos recolhiam esta informação:

“ A partir de 269 a. C., os Romanos cunharam as suas primeiras moedas em bronze e depois, o *denarius* de prata. Estas moedas circularam em Conímbriga até ao final do século I d. C. Esta vitrina retrata uma cidade perfeitamente integrada na economia do Império Romano”.

No concernente ao código referente à saúde e higiene, os discentes obteriam o seguinte esclarecimento:

“*Mens sana in corpore sano* é uma máxima que resume toda a sabedoria da educação dos romanos e explica os cuidados que tinham com o corpo. Através do banho, do exercício físico e dos remédios caseiros, procuravam-se manter saudáveis. Os instrumentos para cuidarem da higiene do corpo são o strigilum, uma peça de osso com que retiravam as gorduras e a sujidade do corpo, as navalhas para se barbearem e cortarem o cabelo e o pente. As senhoras para manterem a pele do rosto alva e macia, utilizavam pós, unguentos e pomadas, que eram preparadas em casa ou compradas em pequenos frascos ou anforetas de vidro ou cerâmica”. Na medicina, os instrumentos mais especializados eram as colheres espatuadas, as lingulae, as pinças, o escalpelo, o dissecador e as sondas. Os romanos só recorriam aos médicos quando algum mal persistia”.

Estas e outras informações constavam nos *QR codes* que seriam colocados naquele espaço museológico em conformidade com as indicações do técnico do museu.

A introdução desta ferramenta bem como a sua utilização revestia-se de grande importância, assumindo-se como vantajosa, uma vez que se revelariam uma inovação relativamente às tradicionais visitas de estudo. Simultaneamente permite e facilita a aquisição das informações de uma forma rápida, prática e autónoma.

Na última aula antes da visita de estudo, os alunos deveriam ser novamente informados dos objetivos e da importância do guião para a realização do trabalho, tendo também ficado acordado quais os grupos e subgrupos de alunos das turmas que acompanhavam os professores nos vários momentos da visita de estudo. Prosseguiu-se ainda com uma sensibilização no que diz respeito ao comportamento, ao cumprimento de regras e horários do itinerário e respeito pelo património.

Estava previsto que, no dia da visita, os alunos se reunissem junto ao portão da escola, pelas 08:30h que, acompanhados pelas professoras estagiárias, pela professora orientadora e restantes professores iniciariam esta viagem. A viagem foi feita de forma tranquila, descontraída, tendo decorrido sem qualquer incidente. A chegada a Conímbriga estava planeada para as 09:30h, altura em que as professoras estagiárias colocariam os *QR codes* no primeiro espaço a visitar – o museu.

Nesta visita, programada para se iniciar às 10:00h, os 64 alunos seriam divididos em 2 grupos de 32 elementos, sendo que, cada um exploraria o museu em circuitos opostos. Um grupo ficaria com a parte da exposição permanente e o outro com as restantes salas, trocando após 15 minutos para que todos pudessem visualizar e obter informações desse espaço museológico. Importa referir que em cada grupo já estavam definidos os subgrupos para uma melhor organização das tarefas e do espaço.

Estes, munidos do telemóvel para o qual previamente foi descarregada a aplicação de leitura dos *QR codes*, recolheriam e guardariam as informações desse espaço.

Para o desenvolvimento desta primeira fase da visita, os alunos receberiam dois guiões relativos a cada sala/parte (Anexos 9 e 10), que os orientaria na recolha de informação.

Seguidamente, tendo aqui em consideração a aproximação geográfica dos alunos para a concretização do trabalho durante o período de férias, seriam divididos em 5 grupos. Cada grupo, acompanhado por um professor daria início à visita das ruínas de Conímbriga.

Cada grupo possuía um guião com um tema, bem como as respetivas orientações, referências e *sites* para que posteriormente o pudessem trabalhar. O objetivo desta seleção

circunscrita dos alunos prendeu-se também com o facto de evitar trabalhos repetidos, conseguindo-se uma maior abrangência temática.

Assim, seguidos por uma planta e de acordo com o guião seriam-lhes atribuídas as seguintes temáticas:

- ✓ Grupo 1- Construções habitacionais – *domus* (Anexo 11);
- ✓ Grupo 2- Construções habitacionais – *insulae* (Anexo 12);
- ✓ Grupo 3- Construções de lazer: termas e anfiteatro (Anexo 13);
- ✓ Grupo 4- Fórum (Anexo 14);
- ✓ Grupo 5- Construções utilitárias: estrada, lojas, latrinas, aqueduto (Anexo 15).

Cada grupo de alunos deveria começar por procurar os locais assinalados na planta, recolherem as informações dos placares informativos e tirarem fotografias para documentarem e ilustrarem os trabalhos.

Chegado o momento do almoço, e sem sair deste magnífico planalto, professores e alunos confraternizariam e conviveriam com o tão esperado piquenique no parque de merendas, valorizando-se as relações sócio afetivas e interpessoais.

À hora marcada, seria tempo de nos dirigimos a Coimbra no sentido de dar continuidade à visita de estudo. No período da tarde, pelas 14:30h iríamos iniciar o programa “Do Paço ao Colégio”. Os alunos seriam lembrados do cumprimento das regras que este tipo de visita impõe, nomeadamente, o silêncio para conseguirem ouvir as explicações dos professores e o respeito pelo património histórico.

Os alunos visitariam o Paço das Escolas - conjunto arquitetónico que alberga o núcleo histórico da Universidade de Coimbra; a Capela de S. Miguel com o seu histórico e majestoso órgão; o Colégio de Jesus, um dos mais antigos colégios jesuítas do mundo; o Museu da Ciência (*Laboratório Chímico*) que materializa o ideal iluminista do ensino prático das ciências; e a Biblioteca Joanina. Não obstante, a importância dada a todos estes locais, a Biblioteca Joanina despertar-lhes-ia um interesse ímpar, uma grande admiração e curiosidade quer pelos livros ali presentes, quer por albergar uma comunidade de morcegos. De facto, assume-se como uma das mais deslumbrantes bibliotecas do mundo, quer na sua forma e riqueza decorativa, quer pelo seu valioso espólio bibliográfico composto por cerca de 60 mil volumes, dos séculos XVI a XVIII.

Nesta fase da visita ser-lhes-ia dada a possibilidade de observarem todos os espaços de forma mais descontraída, para contemplarem a sua beleza e história, escutando todas as informações sem que necessitassem de as registar.

A saída rumo à escola de Febres aconteceria por volta das 17:00h.

Relativamente aos trabalhos de grupo seriam, como havia sido acordado, expostos na aula. Os alunos tinham sido divididos em grupos de 5 elementos, tendo em conta a sua aproximação geográfica, uma vez que, o trabalho seria realizado em grupo, durante a interrupção letiva da Páscoa.

Os grupos deveriam apresentar oralmente um trabalho em *PowerPoint* ou uma exposição com outros materiais, no início do 3º período.

Cada grupo deveria abordar a sua temática, relacionando a informação recolhida através dos *QR code* e outras informações recolhidas em ambiente museológico com a que reuniriam nas ruínas da cidade romana de Conímbriga. Esta apreciação deveria ser efetuada tendo por base alguns parâmetros, tais como: apresentação oral, recolha da informação e aplicação de conteúdos, utilização de imagens e rigor histórico.

Perante o exposto, aprez-me dizer que este projeto de visita reúne grandes potencialidades para se constituir como uma estratégia eficaz e motivadora, fundamental na didática da História. Existem de facto, vantagens na realização desta atividade, levando e aproximando os alunos das fontes históricas, uma vez que estas possibilitam a observação do real, revelando-lhes uma realidade muito distante da que os manuais lhes oferecem.

5.3. Descrição de visitas de estudo virtuais a Conímbriga e à Sé Velha de Coimbra

A implementação desta atividade (VEV) deveu-se ao facto de não se ter conseguido realizar a visita de estudo presencial que havia sido planificado a Conímbriga, pelas razões já descritas anteriormente. Esta foi uma forma de se ultrapassarem os constrangimentos impostos pelo ensino à distância e de se desburocratizarem as atividades letivas, tornando-as dinâmicas e motivadoras. Estas visitas constituem-se assim, numa alternativa às visitas tradicionais, podendo ser postas em prática em contexto de sala de aula, uma vez que são facilitadoras de todo o processo burocrático, razões justificativas que os docentes alegaram em questionário para a não realização das mesmas.

A VEV a Conímbriga foi proposta na primeira aula síncrona, durante o 3º período, de forma a proporcionar aos alunos uma experiência diferente e suprimir o insucesso da visita *in loco*, devido à interrupção presencial das atividades letivas. Realçando-se que todos os alunos reuniam os requisitos necessários, nomeadamente no que diz respeito às TIC. Deste modo, a VEV a Conímbriga enquadrava-se nos conteúdos curriculares abordados e explorados em sala de aula:

domínio 2 “A Herança do Mediterrâneo antigo”; subdomínio 2.2 ”Roma e o Império”. Para a sua realização foi necessário conceber um guião exploratório do espaço a visitar (Anexo 16). Na sua conceção estiveram presentes alguns princípios fundamentais, como a proposta de todas as tarefas a realizar, nomeadamente: o sítio da internet onde os discentes podiam aceder para concretizarem a visita, <http://coimbra.360portugal.com/Concelho/Condeixa/Conimbriga/>, bem como a sugestão de outros endereços eletrónicos, considerados relevantes, para que, em casa se sentissem auxiliados e envolvidos na realização das tarefas propostas.

Com este guião pretendeu-se orientar os alunos na pesquisa da informação, proporcionando-lhes uma aprendizagem pela descoberta, de forma guiada, no sentido de se poder fazer uma avaliação desta estratégia. Esta avaliação, devido às circunstâncias e escassez de tempo, foi realizada oralmente no início das aulas síncronas. Pude verificar que os discentes consolidaram os conteúdos abordados na aula, promovendo uma aprendizagem significativa, e também apreciaram e valorizaram esta experiência. Estes resultados foram obtidos pelas respostas que os alunos deram numa escala de 1 a 5. Tiveram ainda a oportunidade de manifestarem a sua opinião relativamente à importância de repetirem esta atividade numa outra ocasião, ao que a maioria respondeu de forma afirmativa.

Assim, foi-lhes concedido outro momento para a exploração desta atividade neste mesmo contexto, ou seja, no decorrer das aulas síncronas.

A VEV à Sé Velha de Coimbra foi proposta tendo em conta a exploração da unidade temática, inserida no domínio 4 “O contexto europeu do século XII a XIV; subdomínio 4.2 “A cultura portuguesa face aos modelos europeus”. Esta experiência de aprendizagem, que permitia o contacto com o património arquitetónico nacional, foi realizada após a abordagem, na aula síncrona, dos conteúdos relativos à arte românica e às características da arquitetura, escultura e pintura. Teve também como objetivo, consolidar os conceitos relacionados com a arte românica, constituindo mais um elemento de avaliação dos alunos no processo ensino/aprendizagem na disciplina de História. Deste modo, os alunos foram convidados a realizar a VEV à Sé Velha de Coimbra, acedendo ao endereço eletrónico <http://coimbra.360portugal.com/Concelho/Coimbra/SeAntiga/> que se encontrava no guião (Anexo 17), bem como a realização de um conjunto de questões que compunham as tarefas propostas no guião. Após a visualização proposta, estes tinham que identificar o estilo arquitetónico da Sé Velha de Coimbra, indicar as suas características e o número de naves. Ao nível da pintura, foram os discentes solicitados para mencionarem o tema dominante e ainda justificarem o papel educativo deste tipo de arte e da escultura românica.

Assim, os alunos realizaram um percurso guiado que os levou a descobrir as respostas aos desafios colocados e a aplicarem os conhecimentos adquiridos acerca da arte românica.

Todavia as circunstâncias em que estas atividades decorreram impuseram alguns constrangimentos, principalmente no que diz respeito ao contacto limitado com os alunos e à escassez de tempo, devido ao cumprimento do programa curricular. Sentiu-se, portanto, a necessidade de lhes explicitar claramente que as VEV seriam importantes para a abordagem dos conteúdos e que a sua não realização refletir-se-ia no seu aproveitamento.

No entanto, considera-se que esta estratégia, mesmo inserida neste contexto de ensino atual (E@D – ensino à distância), nos apresenta várias potencialidades educativas, pelo que vale a pena empregar este tipo de atividade no decorrer das atividades letivas. Neste caso, possibilitou a interação entre os conteúdos curriculares e a herança cultural do país, despertou nos alunos o seu interesse pela História e favoreceu a aprendizagem dos conteúdos e a valorização do património.

Foi-nos também possível verificar a sua eficácia ao nível da motivação para a aprendizagem. Nestas atividades, a avaliação assumiu um carácter formativo, tendo-se obtido um feedback não só ao nível das aprendizagens, como também a importância didática desta estratégia de ensino.

Considero importante mencionar algumas das afirmações dos alunos, no decorrer das aulas síncronas relativas à realização das visitas de estudo virtuais, que aqui registo: “Gostei porque me ajudou a perceber melhor a matéria”; porque “Aprendi com mais interesse e motivação”; “É uma forma original e divertida de aprender História”; “Porque vi e senti como estivesse mesmo lá” e “Visitei tudo sem gastar dinheiro”.

REFLEXÕES FINAIS

Fazendo uma apreciação global deste trabalho, considero muito pertinente e desafiante a sua elaboração, pelo carácter pedagógico e didático que assumiu. Para além de sentir que me enriqueceu a nível pessoal e profissional, também o classifico como rico na mensagem e conteúdo que transmite.

As aprendizagens não ocorrem apenas dentro da sala de aula e a aprendizagem da História não é exceção. É necessário encontrar novas estratégias, novas formas didáticas para o ensino em geral e para o ensino da História em particular, que permitam que os alunos desenvolvam e exercitem a consciência histórica. Cabe ao professor, como formador e orientador em constante aprendizagem, o papel de salvaguardar os alunos e guiá-los de forma motivante no seu processo ensino/aprendizagem. Assim, as visitas de estudo revestem-se de grande importância, permitindo-lhes não só saírem da sua zona de conforto, como também explorarem e contactarem com outros contextos fora da sala de aula, observando e vivenciando factos históricos e questionando o porquê de estes existirem. São estas e outras potencialidades das visitas de estudo que têm de ser encaminhadas em prol da educação e do ensino, enquanto estratégia que pode alterar o processo ensino/aprendizagem. Como é óbvio, não se pode limitar este processo à sala de aula e à escola, pois é no mundo real que se encontra o suporte das aprendizagens ativas e socializadoras.

Terminado este trabalho, considero o momento apropriado para responder à questão inicial que suporta e orienta este estudo: *As visitas de estudo constituem uma estratégia pedagógica eficaz e motivadora no ensino da História?*

Após a recolha de toda a informação necessária e pertinente de cariz qualitativa e quantitativa (através dos questionários aplicados aos alunos e professores e de outros documentos exploratórios), apresento a seguir as devidas apreciações e respostas.

Antes de mais, pretende-se frisar a importância atribuída às visitas de estudo no processo ensino/aprendizagem dos alunos, que promovem uma ligação entre a escola e a realidade, entre a teoria e a prática, constituindo-se assim numa oportunidade de aprendizagem que não deve ser negligenciada, uma vez que facilitam a sociabilidade e favorecem a aquisição, aplicação e consolidação de conhecimentos. São uma atividade significativa para os alunos que se envolvem ativamente, traduzindo-se num dos momentos mais estimulantes e motivadores. O facto de saírem da sala de aula é por si só sinónimo de motivação, motivação esta que tem e deve ser devidamente aproveitada, uma vez que atualmente, esta é, na minha opinião, uma das maiores dificuldades do professor. Somos obrigados a ponderar e a refletir que os alunos não aprendem apenas dentro da

escola e que esta não se encontra isolada de toda a comunidade. Há um mundo para além dos muros da escola potenciador de experiências ímpares e significativas que conciliam e se interligam com a aprendizagem formal.

O facto de as visitas de estudo permitirem o contacto direto dos alunos com o que se pretende que eles vivenciem, possibilitam também que compreendam a nossa cultura e que lhes desperte o sentimento de responsabilidade pela conservação e valorização do Património Histórico.

As visitas de estudo bem planeadas e dinamizadas, tendo em conta os conteúdos definidos, consideram-se fundamentais e válidas para o desenvolvimento das competências dos alunos através de uma participação ativa, contribuindo para o enriquecimento do processo ensino/aprendizagem.

Fazendo referência ao estudo fulcral deste relatório e como resposta ao primeiro objetivo: *Avaliar a perceção que alunos e docentes têm das visitas de estudo para as aulas de História*, conclui-se que os alunos do 7º ano do ensino básico valorizam e sentem-se motivados com a realização de visitas de estudo, atribuindo-lhes potencialidades já identificadas anteriormente neste trabalho. Das potencialidades referidas pelos professores de História, destacam-se a motivação, a eficácia na consolidação de conteúdos e a compreensão dos processos de construção do conhecimento científico.

No entanto, para além das competências apresentadas, os professores reconheceram alguns obstáculos e constrangimentos associados a esta estratégia didática, que por vezes os impede de concretizarem. Os mais referidos relacionam-se com aspetos de índole burocrática; desmotivação provocada pela conjuntura atual; falta de incentivo por parte da escola e os custos excessivos para alunos e famílias.

Contudo, como já foi referido ao longo deste trabalho pretendeu-se também apresentar e implementar visitas de estudo virtuais como estratégia pedagógica relevante e criativa para a aprendizagem dos alunos. O principal objetivo consistiu em criar alternativas válidas, quando uma visita de estudo tradicional não pode ser realizada, devido aos diversos constrangimentos que a revestem. Estas limitações são, nesta perspetiva, possíveis de serem ultrapassados pelos docentes, de forma a concretizarem atividades de descoberta de vários locais, exploradas noutra contexto.

Não se intenta substituir as visitas de estudo tradicionais, que são imprescindíveis na construção de um conhecimento aberto ao meio, mas também, apresentar as visitas de estudo virtuais como uma estratégia didática capaz de favorecer o contacto com artefactos e locais históricos que, de outra forma, se encontrariam inacessíveis devido às mudanças que a vida nos

apresenta, à distância, ao tempo e ao custo, e de suscitar nos alunos o interesse e motivação para assumirem um papel ativo na construção do seu conhecimento.

Contudo, é diferente estar em contacto com um monitor ou em contacto direto com as fontes, pois nada compara o “virtual ao real”.

Assim, e em resposta ao segundo objetivo: *Que contributos se podem obter nas aprendizagens da História com a realização de visitas de estudo virtuais?* – Considera-se que esta estratégia devidamente planificada e acompanhada de um guião exploratório dá aos alunos a possibilidade de se envolverem ativamente na construção do conhecimento histórico. É uma atividade com potencial educativo para a aprendizagem dos conceitos abordados e suscetível de tornar o processo ensino/aprendizagem mais motivante e criativo. Fiquei convencida de que esta atividade possibilita o desenvolvimento de uma prática pedagógica inovadora e criativa, centrada no aluno que se torna interveniente ativo na construção do seu próprio conhecimento, desenvolvendo competências através da informação fornecida.

Estas visitas virtuais, cuja realização aconteceu na casa dos alunos, foram encaradas pela maioria, (opinião dada no decorrer das aulas síncronas), menos monótonas e como uma forma diferente de aprender, permitindo-lhes consolidar os conhecimentos adquiridos anteriormente.

Porém, temos consciência de que as conclusões a que chegamos não podem ser generalizadas, pois as circunstâncias excecionais em que decorreram – no âmbito do ensino à distância, em que a docente-investigadora não possuía contacto físico com os alunos e o tempo limitado das aulas com apenas 45 minutos semanais – também impuseram alguns constrangimentos e limitações a este estudo, chegando a inviabilizar resultados concretos.

Deste modo, só foi possível avaliar a sua eficácia ao nível da motivação para a aprendizagem, permanecendo mesmo assim, alguma incerteza, não só quanto ao seu contributo para a compreensão dos conteúdos, mas também em relação aos seus impactos na melhoria do aproveitamento dos alunos. Outras condições de aplicabilidade conduziriam a resultados mais ricos, permitindo avaliar se esta estratégia didática produz melhorias sólidas na aprendizagem.

Como já foi referido, não se pretende substituir as visitas de estudo tradicionais pelas VEV, pretende-se sim, não deixar de realizar visitas *in loco* devido aos possíveis constrangimentos existentes, devendo-se criar alternativas válidas como a preparação e implementação de visitas virtuais.

Porém, a dinamização desta atividade, em contexto de sala de aula, sem condicionalismos de tempo e associada a um debate, permitiria uma melhor avaliação da eficácia desta estratégia e, conseqüentemente retirar outras conclusões acerca das implicações na aprendizagem dos alunos.

Outra conclusão importante deste estudo é que as VEV permitem um maior controlo, na sua preparação, face às tradicionais, uma vez que o professor é o seu único interveniente, e pode, por isso, preparar este recurso da forma que considere mais adequada às necessidades de aprendizagem da turma.

Ficou claro e espelhado no presente relatório, que as condições em que se desenvolveu parte do estágio pedagógico, sem a presença dos alunos na escola e sem momentos de trabalho em equipa deixou muitas limitações ao professor, aos alunos e a este estudo. O isolamento não é assim benéfico para ninguém.

BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

ABREU, Maria Manuela, *As visitas de Estudo no ensino da História*, Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1972.

ALARCÃO, Isabel & TAVARES, José, *Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Edições Almedina, SA, 2003.

ALMEIDA, António – *Visitas de Estudo: concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

ALMEIDA, A. & VASCONCELOS, C. *Guia prático para atividades fora da escola*. Lisboa: Fonte da Palavra, 2013.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S., “*Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e ao Métodos*”, Porto: Porto Editora, 2010.

BRUSI, D. cit. in Compiani, M.; Carneiro, C. - Os papéis didáticos das excursões geológicas. *Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, 1993.

COMISSÃO Europeia - Livro Branco sobre a Educação e a Formação: ensinar e aprender. Comissão Europeia, Bruxelas, 1995- Projeto Educativo 2018-2021.

COUTINHO, C. *Mobile Web 2.0: New spaces for learning*. In Lee Chao (Edt): IGI Global: Estados Unidos da América, 2011.

COUTINHO, Clara Pereira, “*Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*”. Coimbra: Edições Almedina, 2013.

COX, S. & SU, T. “*Integrating student learning with Practitioner Experiences- Virtual Field Trips*”. *Journal of Educational Media*, Vol. 29, nº 2, 2004.

CRESWELL, J. *Educational Research: Planning, Conducting and Evaluating Quantitative and Qualitative Research*. Boston: Pearson Education.), 2012.

CURY, Augusto, “*Pais Brilhantes, Professores Fascinantes – Como formar jovens felizes e inteligentes*”. Cascais: Pergaminho, 2003.

Diário da República, 2.^a série _Nº 126- 4 de julho de 2019, Despacho Nº 6147/2019, Artigo 4º.

JONASSEN, David, - *Computadores, Ferramentas Cognitivas: Desenvolver o pensamento crítico nas escolas*, Porto Editora, 2007.

KLEMM, B & TUTHILL, G. “*Virtual Field Trips: Best Practices*”. *Journal of Educational Media*, Vol. 30 (2), 2003.

LAW, C., & SO, S. - *QR Codes in Education*. *Journal of Educational Technology Development and Exchange*, 2010.

LEE, Peter, “*Nós fabricamos carros, eles tinham que andar a pé, Compreensão da vida no passado*”, in Barca, Isabel. (org.) *Educação histórica e museus, Atas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica*, série 9, CEEP – IEP Universidade do Minho, Braga, 2003.

MONTEIRO, M, *Intercâmbios e Visitas de Estudo, in Novas Metodologias em Educação*. Porto, Porto Editora, 1995.

MORGADO, José, “*A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*”. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

OLIVEIRA, Hélder – *As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida*, 2013.

ORION, N. Development of a High-School Geology Course Based on Field Trips. *Journal of Geological Education*, 1998.

PROENÇA, Maria Cândida - *Didáctica da História*. Lisboa: Edição Universidade Aberta, 1992.

PROENÇA, Maria Cândida – *Ensinar / Aprender História: questões de didática aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Lima de Faria, 2018-2021.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L., “*Manual de Investigação em Ciências Sociais*”, Lisboa, Gradiva, 1995.

Regulamento da Formação Inicial de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

REIS, Pedro, “*Propostas para planeamento, exploração e avaliação de visitas a museus e centros de ciência*” - KIT Pedagógico. Lisboa: Texto Editora, 2009.

RIBEIRO, Jonatas Roque, “*História e ensino de História: perspectivas e abordagens*”, in *Educação em Foco*, Edição n.º 7, 2013.

SOLÉ, Maria Glória Parra Santos – Dissertação de Doutoramento na Área de Estudo do Meio Social: *A História no 1.º Ciclo do Ensino Básico- a conceção do tempo e a compreensão histórica das crianças e os contextos para o seu desenvolvimento*, Braga: Universidade do Minho, 2009.

STAKE, R. Case Studies. In Norman K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (Eds). *Handbook of qualitative research*. California: SAGE. 1994.

TRINDADE, Sara Dias, “*Ambientes digitais de aprendizagem, comunidades de prática e dispositivos móveis*”. In *Educação e Tecnologias: reflexões e contribuições teórico-práticas*, São Carlos, 2018.

TRINDADE, Sara Dias e RIBEIRO, Ana Isabel, Universidade de Coimbra digital: *Visitas de estudo guiadas por tablets*. In *Atas do IV Congresso Internacional de TIC e Educação*. Lisboa: Instituto de Educação, 2016.

VIEIRA, Liliana & COUTINHO, C.P., “*Mobile Learning: Perspetivando o potencial dos códigos QR na Educação*”, 2013.

YIN, R. Case study research: design and methods. Thousand Oaks: Sage Publications, 2003.

ANEXOS

ANEXO 1 – Plano Individual de Formação



PIF - PLANO INDIVIDUAL DE FORMAÇÃO

Docentes: Prof. Doutora Sara Dias Trindade e Prof. Doutora Ana Isabel Ribeiro

Professora Orientadora: Professora Sónia Silvestre

Discente: Clementina Araújo

Unidade Curricular: Projeto Didático em História I

Mestrado: Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

2019/2020

O caminho faz-se caminhando.

O meu caminho tem sido longo, com alguns percalços e muitas expectativas, trazendo-me até esta etapa que agora se inicia: o Estágio Pedagógico.

Ao iniciar o mestrado em Ensino de História sabia que aqui chegaria, ao momento em que, durante um ano, o meu percurso profissional, a minha capacidade de lecionar, de “ensinar” a História será alvo de uma análise e avaliação enquanto futura docente desta disciplina.

Encaro o Estágio Pedagógico como uma etapa da minha formação, um período em que estarei disposta para novas aprendizagens, nomeadamente na adaptação das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, tão do interesse dos alunos e uma forma de os manter “sempre alerta”, para uma área do saber que por vezes não lhes desperta o interesse.

Espero que, no decorrer desta caminhada, consiga desenvolver e aplicar as minhas competências e o meu trabalho, com tudo o que o meio escolar me proporcionar, promovendo o sucesso educativo dos alunos para que se tornem cidadãos plenos.

Espero desenvolver um trabalho em equipa e de aprendizagem com profissionais experientes, mantendo uma relação de partilha de conhecimentos e de experiências, com a Professora Orientadora, Dr.^a Sónia Silvestre, com a Colega de Estágio, Joana Novais, com os Alunos e Comunidade Escola.

Assim, pretendo desenvolver e aperfeiçoar competências pessoais e profissionais, que façam melhorar a minha prática de ensino, estando sempre atenta às necessidades do elemento fundamental e razão de existir das escolas: os Alunos.

Afinal, a educação é um direito de todos!

Como Professora Estagiária, pretendo desenvolver todas as tarefas a que me proponho, conduzindo a um processo de ensino-aprendizagem promotor da educação e da formação do aluno. Vou procurar envolver-me em todas as atividades das turmas e da Escola, assumindo como grande objetivo uma integração e uma intervenção ativa na comunidade educativa.

Assim, proponho-me:

- Analisar documentos referentes ao Estágio, de forma a perceber e organizar a sequência do trabalho a ser elaborado, como:
 - Programa da disciplina de Projeto Didático em História I;
 - Regulamento de Formação Inicial de Professores;
 - Plano Anual de Formação;
 - Perfis de Avaliação dos Professores Estagiários;
 - Modelo do artigo Científico;
 - Calendário escolar.

- Analisar documentos do Ministério da Educação e da Escola, relativos à realidade escolar, às turmas e ao ambiente escolar, nomeadamente:
 - Aprendizagens Essenciais de História 7º Ano / 3º ciclo do Ensino Básico;
 - Projetos Interdisciplinares (Guião para o 7º Ano);
 - Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória;
 - Plano de Atividades Anual;
 - Projeto Educativo 2018/2021;
 - Regulamento Interno;
 - Estratégias de Educação para Cidadania e Desenvolvimento da Escola;
 - Regimentos e Regulamentos da Biblioteca Escolar;
 - Programa da Disciplina;
 - Planificação a Longo Prazo;
 - Documentos relativos à Avaliação;
 - Critérios de Avaliação – descritores específicos da disciplina de História em articulação com o Perfil do Aluno;
 - Competências do Diretor de Turma, Coordenador de Grupo e Conselho de Diretores de Turma;

- Plano de Segurança na Escola (Instruções);
- Calendário Escolar 2019/2020

- Analisar Legislação:

- Estatuto do Aluno Lei nº 51/2012;
- Decreto-Lei nº 54/2018 (Educação Inclusiva);
- Alteração ao Decreto-Lei nº 54/2018 (Educação Inclusiva);
- Despacho nº 6147 relativo às Visitas de Estudo

- Recolher informação relativa aos alunos, de forma a caracterizar as turmas e conhecer os alunos;
- Exercer a atividade docente nas turmas A, B e C do 7º Ano;
- Planificar e lecionar o número de aulas exigidas pelo Plano Anual de Formação;
- Planificar e lecionar o número de aulas que a Orientadora autorizar para além das propostas;
- Observar os alunos durante as aulas;
- Observar todas as aulas da Orientadora de Estágio nas Turmas 7º A, B e C;
- Observar aulas da Orientadora no 6º ano: História e Cidadania e Desenvolvimento;
- Observar, sempre que possível, as aulas de História do 8º, 9º, 10º, 11º e 12º ano lecionadas por Professores do Agrupamento;
- Refletir sobre as observações efetuadas pela Orientadora e colega de Estágio;
- Estar presente nas aulas de apoio aos alunos das turmas que leciono, se autorizada pela Orientadora de Estágio;
- Utilizar e adequar as diferentes modalidades de Avaliação;
- Elaborar e corrigir testes;
- Elaborar matrizes e critérios de correção;
- Utilizar recursos diversos, considerados fundamentais no exercício da atividade docente;
- Organizar uma Visita de Estudo a Conimbriga e à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra;
- Elaborar toda a documentação e planificação relativa à Visita de Estudo;

- Participar ativamente em Visitas de Estudo e demais atividades nas turmas que leciono e/ou da Escola;
- Participar, sempre que possível, nas atividades contempladas no Plano Anual de Atividades, de forma à integração na comunidade escolar;
- Participar em todas as reuniões propostas pela Orientadora de Estágio;
- Organizar uma conferência/palestra para os alunos das turmas de 7º ano sobre a Importância das Fontes Históricas no Ensino da História (Dr.^a Maria José Azevedo Santos Professora da Universidade de Coimbra);
- Organizar uma atividade no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, tendo como objetivo a envolvimento entre Escola/ Família / Comunidade (Lar de idosos);
- Organizar uma atividade que assinale o Dia dos Namorados;
- Assinalar os Dias Históricos com a organização, elaboração e exposição de trabalhos no hall e/ou Biblioteca da Escola;
- Aplicar o tema do Relatório de Estágio no contexto escolar;
- Elaborar e apresentar o Relatório de Estágio.

A Orientadora de Estágio: _____

As Docentes do Mestrado: _____

A Estagiária: _____

ANEXO 2- Questionário prévio realizado aos alunos
INQUÉRITO ALUNOS
História 7º Ano

Este inquérito destina-se à elaboração de um estudo de investigação subordinado ao tema “**A importância das Visitas de Estudo no ensino da História**”, no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Assim, a tua colaboração será muito importante para o estudo que me proponho realizar.

Deves assinalar apenas, uma das opções!

1. Género

- Feminino
 Masculino

2. Idade

_____ anos

3. Costumas participar nas visitas de estudo organizadas na tua escola?

- Sim
 Não
 Às vezes

4. O que mais gostas nas visitas de estudo é:

- Conviver com os colegas e professores
 Não ter aulas na escola
 Aprender, observando os locais visitados

5. Consideras as visitas de estudo na disciplina de História importantes como motivação para a tua aprendizagem?

- Sim
 Não
 Não sei

6. Achas que as visitas de estudo te ajudam a compreender e a consolidar os conhecimentos da sala de aula?

Sim

Não

Em parte

7. Considero as atividades realizadas nas visitas de estudo:

Pouco interessantes

Interessantes

Muito interessantes

8. Consideras importante a conservação do nosso Património histórico?

Sim

Não

Não sei

9. Achas que a visita de estudo a Conímbriga te permitirá consolidar os conhecimentos que adquiriste nas aulas?

Sim

Não

10. Após a visita de estudo, costumavas elaborar um relatório?

Sim

Não

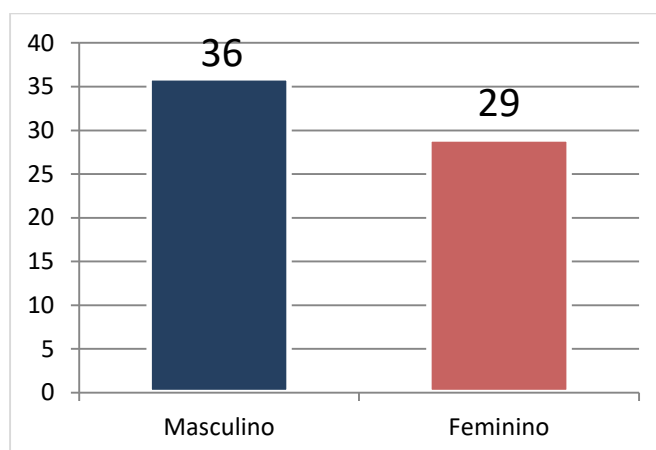
Obrigada pela tua participação!

A professora estagiária,
Clementina Araújo

ANEXO 3- Resultado da análise do questionário realizado aos alunos

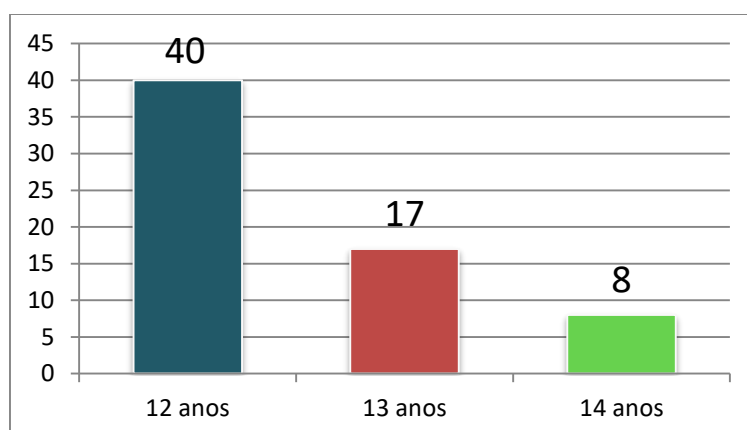
Questão nº 1

Género	Nº de alunos	%
Masculino	36	55%
Feminino	29	45%



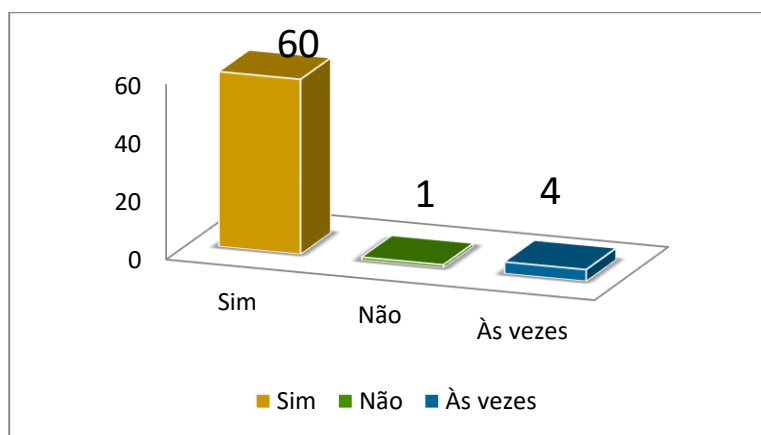
Questão nº 2

Idade	Nº de alunos	%
12 anos	40	62%
13 anos	17	26%
14 anos	8	12%



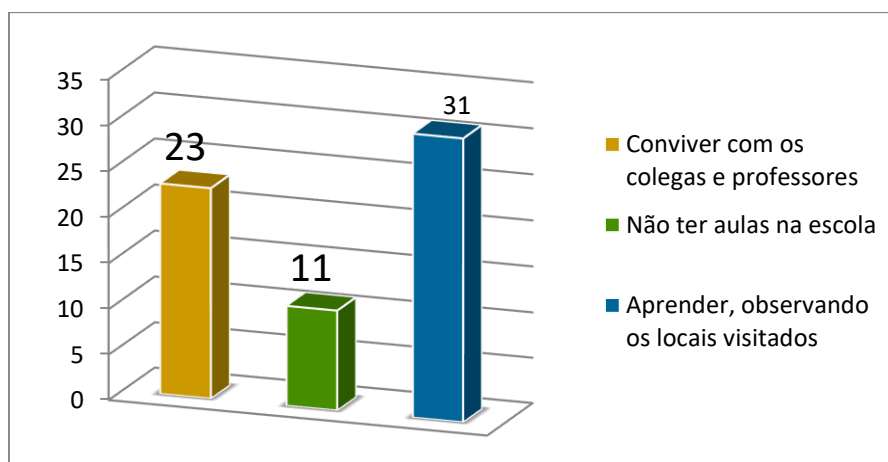
Questão nº 3

Costumas participar nas visitas de estudo organizadas na tua escola?	Nº de alunos	%
Sim	60	92%
Não	1	2%
Às vezes	4	6%



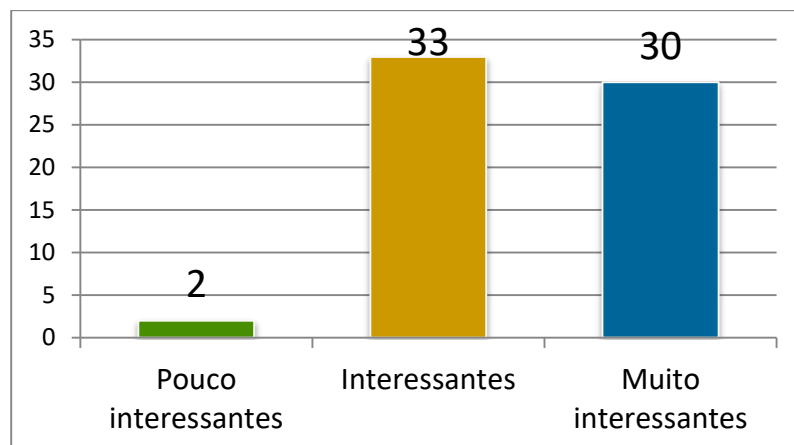
Questão nº 4

O que mais gostas nas visitas de estudo é:	Nº de alunos	%
Conviver com os colegas e professores	23	35%
Não ter aulas na escola	11	17%
Aprender, observando os locais visitados	31	48%



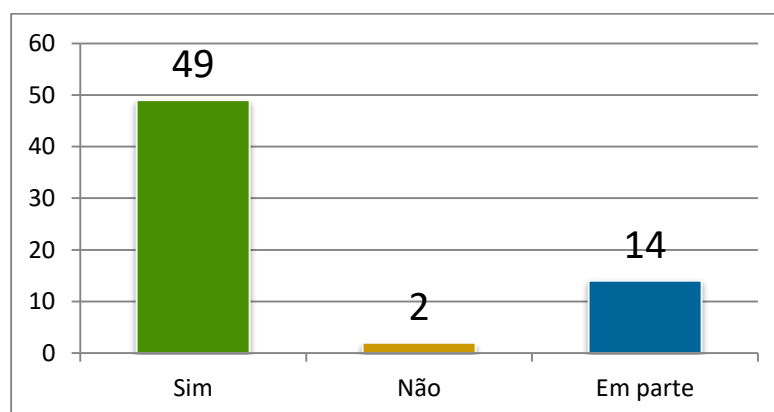
Questão nº 5

Consideras as visitas de estudo na disciplina de História importantes como motivação para a tua aprendizagem?	Nº de alunos	%
Sim	61	94%
Não	1	1%
Não sei	3	3%



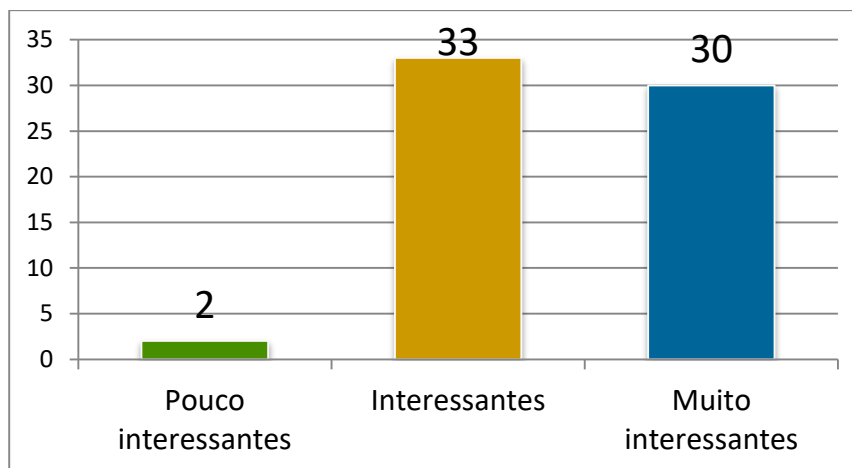
Questão nº 6

Achas que as visitas de estudo te ajudam a compreender e a consolidar os conhecimentos da sala de aula?	Nº de alunos	%
Sim	49	75%
Não	2	3%
Em parte	14	22%



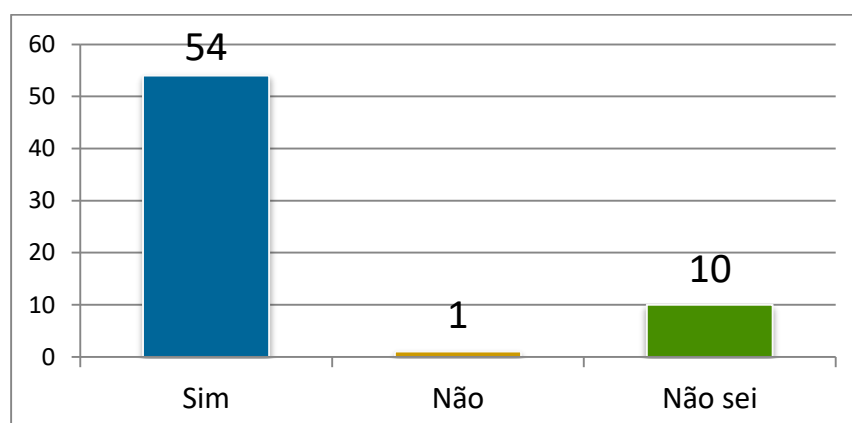
Questão nº 7

Considero as atividades realizadas nas visitas de estudo:	Nº de alunos	%
Pouco interessantes	2	3%
Interessantes	33	51%
Muito interessantes	30	46%



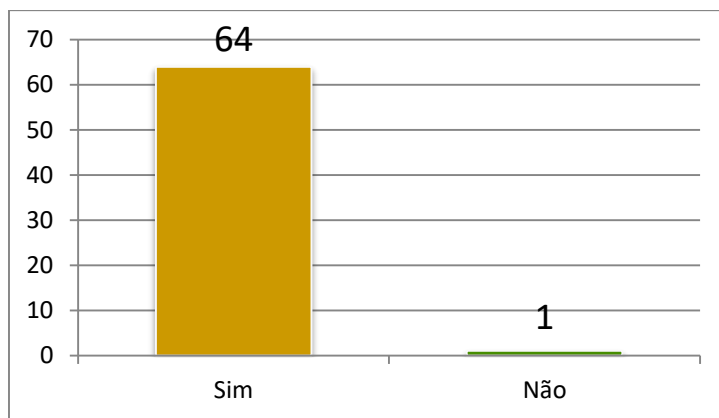
Questão nº 8

Consideras importante a conservação do nosso Património histórico?	Nº de alunos	%
Sim	54	83%
Não	1	2%
Não sei	10	15%



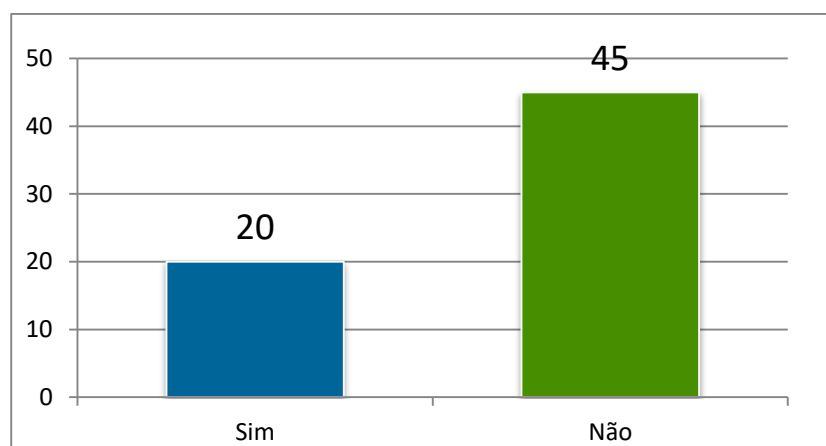
Questão nº 9

Achas que a visita de estudo a Conímbriga te permitirá consolidar os conhecimentos que adquiriste nas aulas?	Nº de alunos	%
Sim	64	98%
Não	1	2%



Questão nº 10

Após a visita de estudo, costumas elaborar um relatório?	Nº de alunos	%
Sim	20	69%
Não	45	31%



ANEXO 4- Questionário final a realizar aos alunos



INQUÉRITO ALUNOS



História 7º Ano

Este inquérito destina-se à elaboração de um estudo de investigação subordinado ao tema “**A importância das Visitas de Estudo no ensino da História**”, no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Assim, a tua colaboração será muito importante para o estudo que me proponho realizar.

Deves assinalar apenas, uma das opções!

1. Gostaste de participar na visita de estudo a Conímbriga e à Universidade de Coimbra?

Sim

Não

2. Consideras que, esta visita te ajudou a compreender e a consolidar os conhecimentos explorados em sala de aula?

Sim

Não

Em parte

3. Na tua opinião, aprenderes a trabalhar com os *QR codes* foi:

Muito interessante

Pouco interessante

Irrelevante

4. A preparação prévia desta atividade nas aulas foi importante para a sua concretização?

Sim

Não

Não sei

5. Consideras que esta ferramenta te ajudou no dia da visita de estudo?

- Sim
- Não
- Em parte

6. Acreditas que o uso desta ferramenta te motivou para aprenderes mais?

- Sim
- Não

7. Indica o que consideraste mais importante na visita de estudo:

- Foi uma visita interessante, diferente e inovadora
- Foi a utilização do telemóvel e a aplicação dos *QR codes*
- Foi vivenciar novas experiências

8. Para a realização do trabalho final, a utilização dos *QR codes* foi:

- Muito importante
- Importante
- Nada importante

9. Na tua opinião, esta visita de estudo foi:

- A melhor que participei
- Foi igual a outras
- Foi aborrecida

Obrigada pela tua participação!

A professora estagiária,
Clementina Araújo

ANEXO 5- Questionário realizado aos professores de História



Questionário aos Professores de História

Este questionário destina-se à elaboração de um estudo de investigação subordinado ao tema “**A importância das Visitas de Estudo no ensino da História**”, no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Tem como objetivo verificar a importância que atribui às visitas de estudo na área da Educação e as diversas conceções que possui.

Será preservado o anonimato.

Assim, a sua colaboração será muito importante para o estudo que me proponho realizar.

Obrigada!

1. Idade:

2. Há quanto tempo exerce a docência?

3. Considera as Visitas de estudo uma estratégia eficaz e motivadora na disciplina de História? Se sim, porquê?

4. Na sua opinião, as visitas de estudo, contribuem para a consolidação de conteúdos abordados em sala de aula?

5. Qual o critério principal para definir o local da visita de estudo?

6. Costuma organizar/realizar Visitas de Estudo no âmbito da disciplina?

7. Durante as visitas de estudo, considera que o aluno deve ter um papel ativo?

8. No seu ponto de vista, quais os principais obstáculos/dificuldades com que se depara atualmente na planificação/realização das visitas de estudo?

9. Qual das seguintes modalidades de dinamização privilegia nas visitas de estudo que promove? Selecione uma única opção.

A) Assumo a condução da visita;

B) Entrego a condução da visita a guias das instituições;

C) Articulo a condução da visita com guias das instituições.

10. Ao nível de escola, considera que é dado o incentivo necessário à organização de atividades desta natureza?

11. Muitos dos espaços que visitamos já estão dotados de novas tecnologias.

Considera importante a introdução das novas tecnologias nas visitas de estudo?

Quais?

12. Após a realização da visita, de que forma avalia os conhecimentos e a interatividade dos alunos?

A professora estagiária,

Clementina Araújo

ANEXO 6 - Transcrição do questionário realizado aos Professores de História

1. Idade:

Docente A - **56 anos**

Docente B - **40 anos**

Docente C - **60 anos.**

2. Há quanto tempo exerce a docência?

Docente A - **Desde 1986 (33 anos)**

Docente B - **Há 15 anos**

Docente C - **Há 38 anos.**

3. Considera as Visitas de estudo uma estratégia eficaz e motivadora na disciplina de História? Se sim, porquê?

Docente A - **Sim, na medida em que os alunos podem materializar conhecimentos adquiridos nas aulas, tomando contacto com as realidades estudadas. Além disso, uma visita é, também, uma forma de promover o relacionamento interpessoal, o espírito crítico, a resolução de problemas, de acordo com o Perfil dos Alunos.**

Docente B - **Sim, no meu entender as visitas de estudo são uma mais-valia na aquisição de conhecimentos por proporcionarem uma aprendizagem mais descontraída, servindo de motivação aos alunos.**

Docente C - **Sim, considero. As visitas de estudo, se organizadas de acordo com as matérias em leção, podem funcionar como estratégia de motivação no início do estudo de uma unidade temática, como facilitadoras da compreensão da unidade ou como oportunidade de consolidação dos aspetos já estudados em sala de aula.**

4. Na sua opinião, as visitas de estudo, contribuem para a consolidação de conteúdos abordados em sala de aula?

Docente A - **Sim. E, também, para um modo diferente de conhecer a realidade dos factos.**

Docente B - **Sim, as visitas de estudos acabam por ser potenciadoras de motivação para a apreensão dos conteúdos lecionados na disciplina de História em contexto de sala de aula, permitindo esclarecer e complementar conhecimentos, bem como também aplicar e consolidar os já adquiridos.**

Docente C - **Tendo em conta que as visitas de estudo podem ser organizadas com o contributo dos serviços educativos dos vários museus/locais a visitar (se existentes), ou pelos professores, podem ser muito enriquecedoras e abrir horizontes aos alunos, funcionando assim como possibilidade de consolidação dos temas abordados em sala de aula.**

5. Qual o critério principal para definir o local da visita de estudo?

Docente A - **Não existe um só critério. Pode depender do ciclo de ensino, das disciplinas envolvidas, do preço, da proximidade do local, entre outros...**

Docente B - **A relevância que a visita tiver tendo em conta a matéria que se está a lecionar.**

Docente C - **Dependendo da temática em estudo, o critério pode ser a relevância do local para o estudo do tema associada à proximidade da escola ou a oportunidade de contactar com objetos de difícil acesso (por exemplo exposições temporárias): Estes critérios devem associar-se a um verdadeiro interesse por parte dos alunos.**

6. Costuma organizar/realizar Visitas de Estudo no âmbito da disciplina?

Docente A - **Costumo, mas não é uma regra anual.**

Docente B - **Já realizei mais.**

Docente C - **Durante a minha vida profissional realizei várias, agora muito menos.**

7. Durante as visitas de estudo, considera que o aluno deve ter um papel ativo?

Docente A - **Considero que é importante, uma vez que as visitas são pensadas para os alunos e com um, ou mais, objetivos. Faz sentido que se construam guiões, que se produzam relatórios, que se registem momentos.**

Docente B - **Sim, como elemento integrante do conhecimento.**

Docente C - **Sim. Considero que a escuta ativa e a observação atenta do que se visita é já ter um papel ativo mas será também muito positivo se os alunos puderem interagir com objetos datados no tempo, com pessoas conhecedoras da realidade em estudo ou com jogos interativos numa lógica de gamificação das aprendizagens (sobretudo para as faixas etárias mais novas).**

8. No seu ponto de vista, quais os principais obstáculos/dificuldades com que se depara atualmente na planificação/realização das visitas de estudo?

Docente A - **Um dos maiores obstáculos é a burocracia associada à planificação, além do custo das visitas e da desmotivação provocada pela conjuntura atual.**

Docente B - **Toda a parte burocrática que envolve a saída dos alunos do recinto escolar, o valor suportado pelos alunos também é muitas vezes um condicionalismo e a falta de disponibilidade dos professores em acompanhar as turmas.**

Docente C - **A questão dos orçamentos para a contratação do transporte, a necessidade de planificação das atividades para os alunos que não participam nas visitas, o facto de as visitas não serem gratuitas para os alunos, a burocracia inerente à organização das visitas, são aspetos que dificultam a sua organização.**

9. Qual das seguintes modalidades de dinamização privilegia nas visitas de estudo que promove? Selecione uma única opção.

Docente A - **Articulo a condução da visita com guias das instituições.**

Docente B - **Articulo a condução da visita com guias das instituições.**

Docente C - **Entrego a condução da visita a guias das instituições.**

10. Ao nível de escola, considera que é dado o incentivo necessário à organização de atividades desta natureza?

Docente A - **Não.**

Docente B - **Não, de todo.**

Docente C - **Sim, o possível.**

11. Muitos dos espaços que visitamos já estão dotados de novas tecnologias.

Considera importante a introdução das novas tecnologias nas visitas de estudo? Quais?

Docente A - **Considero importante, uma vez que num mundo onde impera o digital e os alunos são seres digitais, a utilização de tecnologia pode tornar a atividade mais apelativa.**

Docente B - **Sim, é importante qualquer tecnologia.**

Docente C - **A possibilidade de visitar ambientes virtuais com simulação de realidades históricas importantes, por exemplo.**

12. Após a realização da visita, de que forma avalia os conhecimentos e a interatividade dos alunos?

Docente A - **Com exposição de trabalhos (individuais ou de grupo), com relatórios.**

Docente B - **Através de um pequeno questionário.**

Docente C - **Com debate direto em sala de aula, com questionários de avaliação construídos para o efeito e com trabalhos pedidos aos alunos, individuais ou de grupo, sobre os locais visitados e a sua articulação com as unidades temáticas em estudo.**

ANEXO 7 – Planificação da Visita de Estudo



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
LIMA - DE - FARIA
CANTANHEDE

Modelo de registo das visitas de estudo

Escola: Escola Básica Carlos de Oliveira, Febres

Exmo. Sr. Encarregado de Educação:

As visitas de estudo são um complemento pedagógico das aprendizagens feitas na sala de aula, contribuindo para o enriquecimento científico, cultural, social e relacional dos alunos, ao permitir a ligação entre os conteúdos programáticos teóricos e o mundo real exterior. Mais uma vez o(a) seu (sua) educando(a) vai poder participar numa destas visitas de estudo, que se realizará no próximo dia 24/032020 e cuja planificação se apresenta a seguir.

TEMA: A Herança Romana e a importância do nosso Património Histórico

Objetivo do Projeto Educativo: Garantir, de acordo com princípios inclusivos, aprendizagens significativas e integradas nos domínios das ciências, humanidades, tecnologias, artes, saúde e bem-estar, relacionamento interpessoal e cidadania.

(objetivo estratégico integrado no Eixo 1 – Aprendizagem para todos)

Razões justificativas da visita de estudo:

- ✓ Fomentar o gosto pela História e pela descoberta do legado romano no território nacional;
- ✓ Consolidar conteúdos trabalhados nas aulas de História;
- ✓ Reconhecer a necessidade da ética ambiental face aos desafios da sustentabilidade;
- ✓ Promover o trabalho em equipa e o relacionamento interpessoal e o espírito de cidadania.

Disciplinas envolvidas	Conteúdos programáticos	Objetivos Específicos
História	O Mundo Romano no apogeu do Império:	<ul style="list-style-type: none">• Identifica Conímbriga como uma cidade romana;• Reconhece conceitos como Romanização;• Enumera as atividades económicas a que se dedicavam os romanos;
	O Império: áreas dominadas e fatores de integração;	<ul style="list-style-type: none">• Identifica os locais de sociabilidade e poder: termas, fórum, anfiteatro...;• Distingue os conceitos de <i>Domus</i> e <i>Insulae</i>;• Reconhece o caráter prático e utilitário das construções romanas;
	Uma economia urbana, comercial e monetária;	<ul style="list-style-type: none">• Promove o espírito de tolerância e de diálogo;• Toma consciência da importância de preservar o Património Histórico.
	A ordem social: a vida quotidiana em Roma;	Objetivos da visita em articulação com o Perfil do Aluno

	<p>A civilização romana: o direito, a língua, o urbanismo e a arte;</p> <p>A romanização da península ibérica.</p>	<p>Relacionamento interpessoal - Interagir com tolerância, empatia e responsabilidade e argumentar, negociar e aceitar diferentes pontos de vista, desenvolvendo novas formas de estar, olhar e participar na sociedade.</p> <p>Pensamento crítico e pensamento criativo - Desenvolver novas ideias e soluções, de forma imaginativa e inovadora, como resultado da interação com outros ou da reflexão pessoal, aplicando-as a diferentes contextos e áreas de aprendizagem.</p> <p>Informação e comunicação - Transformar informação e conhecimento. Colaborar em diferentes contextos comunicativos.</p> <p>Desenvolvimento pessoal e autonomia - estabelecer relações entre conhecimentos, emoções e comportamentos; • consolidar e aprofundar as competências que já possuem, numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida.</p> <p>Sensibilidade estética e artística - valorizar o papel das várias formas de expressão artística e do património material e imaterial na vida e na cultura das comunidades.</p> <p>Consciência e domínio do corpo - realizar atividades motoras, locomotoras, não-locomotoras e manipulativas, integradas nas diferentes circunstâncias vivenciadas na relação do seu próprio corpo com o espaço;</p>
ROTEIRO/HORÁRIO	<p>8:30 - Saída da escola - Febres 9:30 - Chegada a Conímbriga (Condeixa-a-Velha) 10:00 - Visita ao Museu Monográfico(Conímbriga) 10:40 – Visita às ruínas de Conímbriga 12:00 – Almoço (Piquenique no parque de merendas de Conímbriga, dependente das condições atmosféricas)</p>	<p>13:00 – Saída para Coimbra 14:00 - Visita à Universidade de Coimbra (Programa do Paço ao Colégio) 17:00 - Regresso à escola 18:00 (chegada prevista à escola).</p>
<i>TURMAS E Nº DE ALUNOS</i>	7º A, B e C (64 alunos)	
PROFESSORES ENVOLVIDOS	Professores responsáveis: Sónia Silvestre, Clementina Araújo, Joana Novais e dois professores acompanhantes (Ana Pimentel e Miguel Cruz)	
MEIO DE TRANSPORTE	Autocarro	
CUSTO DA VISITA (por aluno)	15,60 € (transporte e entradas) – 8,60€ (autocarro) e 7€ (entradas para os museus)	
*NOTA material necessário	Telemóvel (será necessário para a realização de uma atividade em Conímbriga, sujeita a avaliação no 3.º período, na disciplina de História)	

A VE consta do Plano Anual de Atividades sim não

DESPACHO: Deferido / Indeferido

Aprovada em Conselho Pedagógico de ___/___/___

Assinatura _____

Data ___/___/___ Assinatura dos professores responsáveis _____



É FAVOR DESTACAR PELO PICOTADO E DEVOLVER AOS PROFESSORES RESPONSÁVEIS PELA VISITA (Sónia Silvestre, Clementina Araújo e Joana Novais)

DECLARAÇÃO

_____ AUTORIZA O SEU
EDUCANDO _____
(NOME DO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO)

_____ N.º _____ DA TURMA _____ DO _____ ANO, A PARTICIPAR NA VISITA DE ESTUDO QUE SE REALIZA NO DIA 24 / 03 / 2020 ao Museu Monográfico e Ruínas de Conímbriga e à Universidade de Coimbra (Programa do Paço ao Colégio).

Tomei conhecimento de que eventuais danos causados pelo meu educando no decorrer da atividade, e que não se encontrem abrangidos pelo seguro escolar, serão da responsabilidade dos encarregados de educação/família dos mesmos.

ASSINATURA DO(a) ENCARREGADO(a) DE EDUCAÇÃO _____ Data
_____/_____/_____

ANEXO 8 – PowerPoint da atividade relativa aos *QR codes*

Instruções para a Visita de Estudo – 24 de março

Professoras Estagiárias:
Clementina Araújo
Joana Novais



QR Code

1.



2.



3.



4.



5.



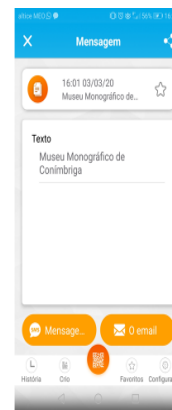
6.



7.



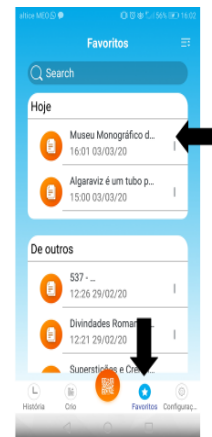
8.

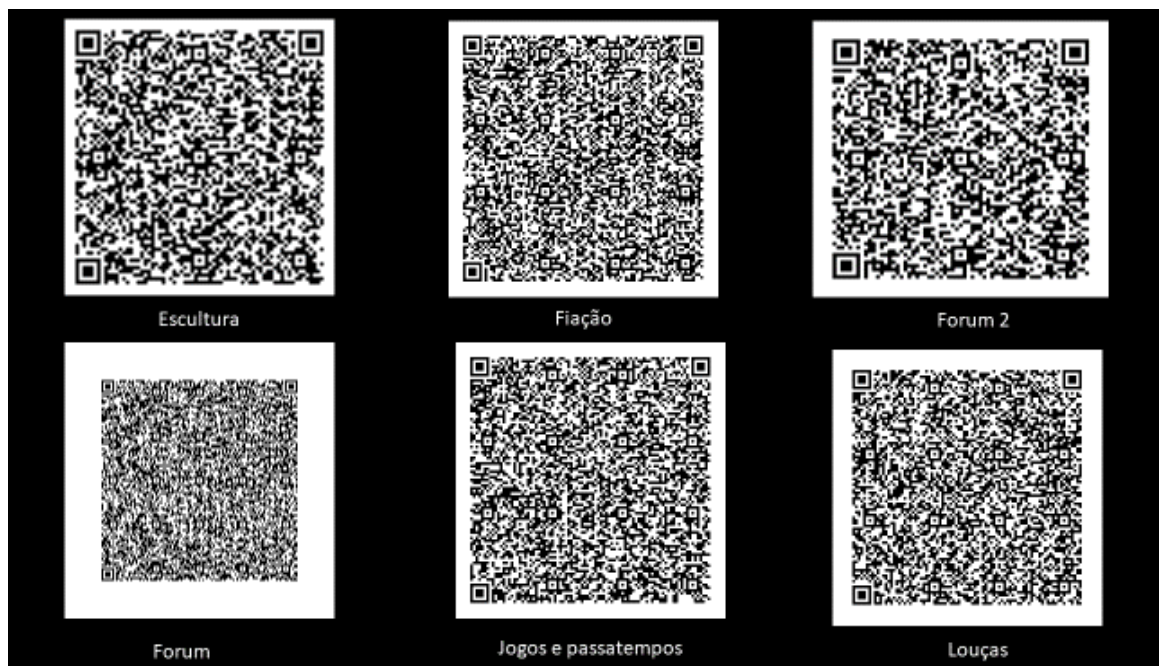
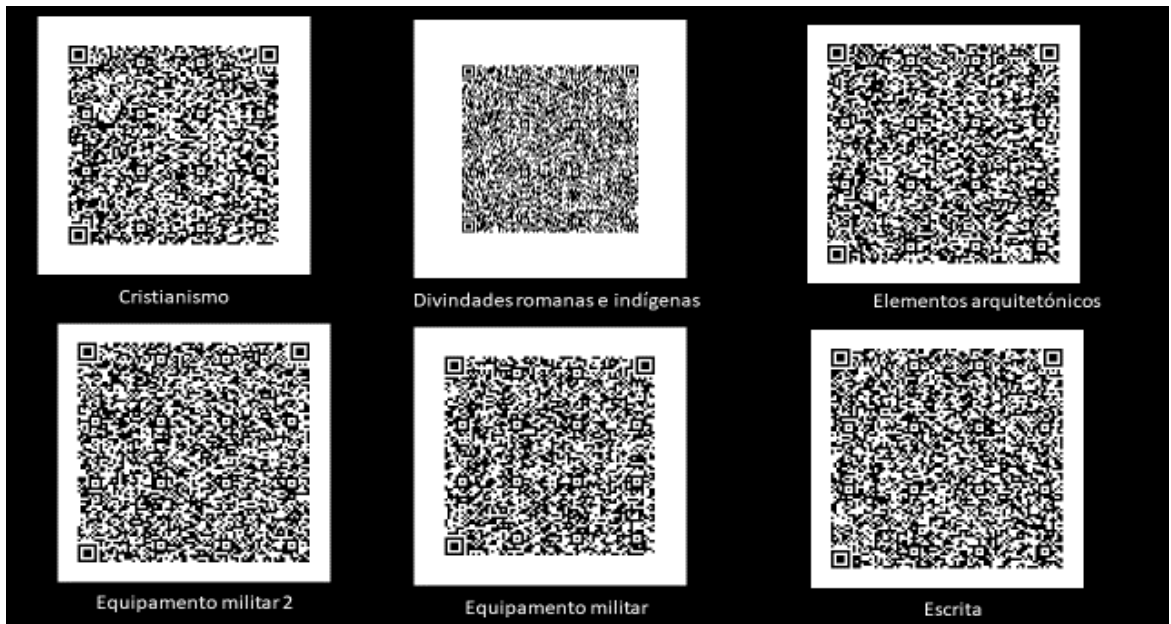


9.



10.







Olaria



Pesos e medidas



Saúde e higiene 2



Saúde e higiene



Serralharia



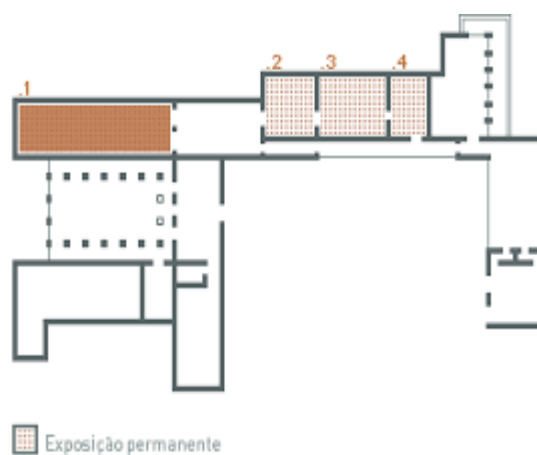
Superstições e crendices

ANEXO 9 – Guião exploratório do Museu (1º Percurso)

GUIÃO DE EXPLORAÇÃO DO MUSEU DE CONÍMBRIGA

1º PERCURSO

Sejam bem-vindos a este espaço museológico!



Os objetos arqueológicos que podes observar nas vitrines do Museu resultam das escavações que foram realizadas nas ruínas da cidade de Conímbriga. As primeiras escavações arqueológicas começaram em 1899 graças a um subsídio concedido pela rainha D. Amélia. A partir de 1955 o ritmo das investigações intensificou-se e, os abundantes materiais arqueológicos, que não era possível conservar no local estão guardados aqui, no Museu.

Vamos começar!

Nesta sala vais encontrar um conjunto de vitrines relativas às atividades económicas e objetos de uso quotidiano. Tens de apontar o leitor de *QR code* para obteres a informação sobre cada uma delas. Guarda-a no teu telemóvel porque vai ser necessária para realizares o trabalho de grupo nas férias. Indico-te alguns temas que vais encontrar: Serralharia; olaria; carpintaria; cantaria; fiação; cerâmica; vidro; moedas; limpeza e higiene; agricultura; saúde e iluminação.



Objetos de higiene



Vitrine - Cerâmica

ANEXO 10 - Guião exploratório do Museu (2º Percurso)

GUIÃO DE EXPLORAÇÃO DO MUSEU DE CONÍMBRIGA

2º PERCURSO

Sejam bem-vindos a este espaço museológico!

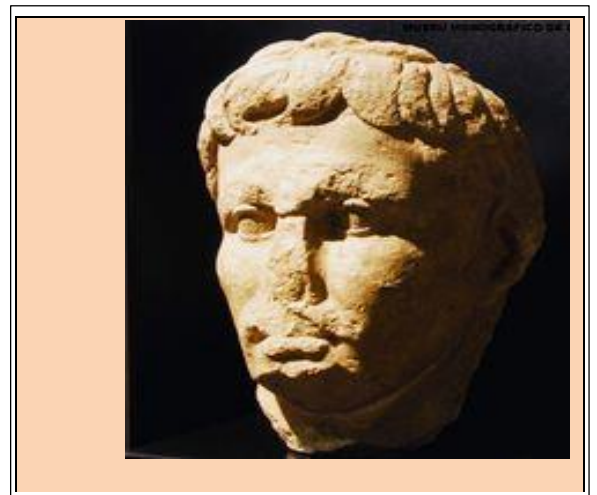


Os objetos arqueológicos que podes observar nestas salas do Museu resultam das escavações que foram realizadas nas ruínas da cidade de Conímbriga. As primeiras escavações arqueológicas começaram em 1899 graças a um subsídio concedido pela rainha D. Amélia. A partir de 1955 o ritmo das investigações intensificou-se e, os abundantes materiais arqueológicos, que não era possível conservar no local estão guardados aqui, no Museu.

Vamos começar!

Aqui, vais encontrar várias salas com temáticas diferentes. Tens de apontar o leitor de *QR code* para obteres a informação sobre cada uma delas. Guarda-a no teu telemóvel e não te esqueças de tirar fotografias para realizares e ilustrar o teu trabalho.

1. Na sala da **maquete do fórum**, podes encontrar:
 - a) A maquete;
 - b) Informação sobre os arquitetos que a realizaram;
 - c) Vestígios arqueológicos encontrados na zona do fórum;
 - d) Cabeça do Imperador Augusto



2. Nas salas das **superstições e crendices e divindades romanas e indígenas, encontra:**

- a) A divindade ligada ao mau-olhado;
- b) Amuletos usados pelos romanos;
- c) Deuses adorados em Conímbriga;
- d) Identifica as divindades indígenas e as suas



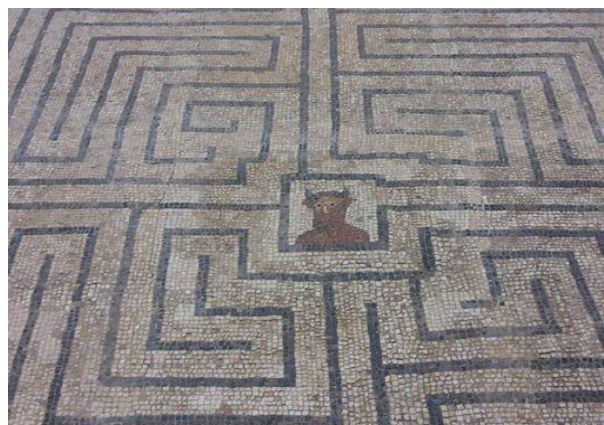
3. Na sala das **epígrafes funerárias, observas:**

- a) Várias aras com dedicatórias;
- b) Epígrafes funerárias.



4. Na sala do **mosaico** podes encontrar:

- a) Mosaico do Minotauro.



Fonte- imagens <https://www.pinterest.pt/pin/537687642988836405/> (Consultado em 11/06/2020)

ANEXO 11 – Guião exploratório das Ruínas de Conímbriga (Grupo 1)

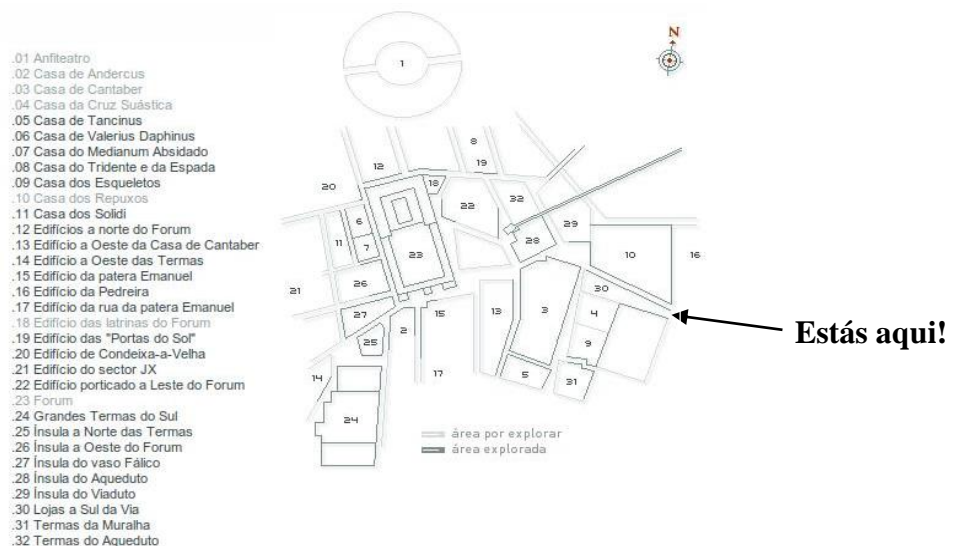
GUIÃO DE EXPLORAÇÃO DAS RUÍNAS DE CONÍMBRIGA

Grupo 1: Construções habitacionais – *domus*

Conímbriga é conhecida por ser uma das maiores povoações romanas a céu aberto, ocupada a partir de 139 a. C. É uma das raras cidades romanas que conserva a cintura de muralhas, de planta aproximadamente triangular.

Agora... vamos à descoberta!!!

Olha para a planta da cidade e procura as *domus* assinaladas com os números 3 e 10

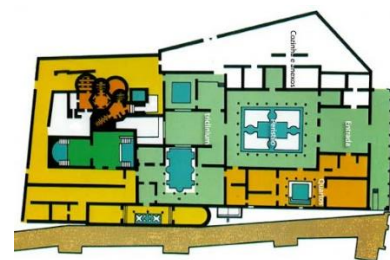


Quando lá chegares orienta-te com as plantas de cada uma das casas!



Planta da Casa dos Repuxos

Domus do século III com jardim central com mais de 500 repuxos, mosaicos figurativos e pinturas murais.



Planta da Casa de Cantaber

Maior *domus* de Conímbriga, com termas privadas. É uma das mais amplas de todo o mundo

✓ **Deves procurar as seguintes informações e seguir as instruções, que te irão ajudar na realização do trabalho de grupo nas férias:**

1. **Conceito de *domus*;**
2. **Partes integrantes das *domus* e as suas funções – tira fotografia de cada uma das partes e associa-a à planta da casa que encontras na internet;**
3. **A técnica do mosaico – tema geral e imagens representadas (tira fotografias)**
4. **Originalidade de cada uma das *domus* que vais explorar;**
5. **As comodidades das *domus* romanas;**
6. **Não te esqueças de, no trabalho de grupo, aplicares as informações recolhidas sobre a arte do mosaico que recolheste no Museu.**

7. Consulta os sites:

<http://coimbra.360portugal.com/Concelho/Condeixa/Conimbriga/CasaRepuchos/>

<http://coimbra.360portugal.com/Concelho/Condeixa/Conimbriga/CasaCantaber/>

ANEXO 12 - Guião exploratório das Ruínas de Conímbriga (Grupo 2)

GUIÃO DE EXPLORAÇÃO DAS RUÍNAS DE CONÍMBRIGA

Grupo 2: Construções habitacionais –insulae

Conímbriga é conhecida por ser uma das maiores povoações romanas a céu aberto, ocupada a partir de 139 a. C. É uma das raras cidades romanas que conserva a cintura de muralhas, de planta aproximadamente triangular.

Agora... vamos à descoberta!!!

Olha para a planta da cidade e procura as *insulae* assinaladas com os números 25, 26, 27 e 28.



✓ Deves procurar as seguintes informações e seguir as sugestões que te irão ajudar à realização do trabalho de grupo nas férias. Não te esqueças de tirar fotografias para ilustrar o trabalho:

1. Conceito de *insulae*;
2. Identificar quem as habitava;
3. Caracterizar as estruturas de construção;
4. Mencionar os perigos que apresentavam;
5. Consulta o *site* <http://coimbra.360portugal.com/Concelho/Condeixa/Conimbriga/Aqueduto/>

ANEXO 13 - Guião exploratório das Ruínas de Conímbriga (Grupo 3)

GUIÃO DE EXPLORAÇÃO DAS RUÍNAS DE CONÍMBRIGA

Grupo 3: Construções de lazer – Termas e Anfiteatro

Conímbriga é conhecida por ser uma das maiores povoações romanos a céu aberto, ocupada a partir de 139 a. C. É uma das raras cidades romanas que conserva a cintura de muralhas, de planta aproximadamente triangular.

Agora... vamos à descoberta!!!

Olha para a planta e procura os locais assinalados com os números 1, 3, 24, 31 e 32



Termas da Muralha: Construídas no século I, estavam divididas em dois setores: provavelmente um masculino e outro feminino.

Sobre as termas, vais ficar a conhecer umas termas públicas (Termas Grandes do Sul) e umas privadas (Casa de Cantaber). Não te esqueças de tirar fotografias para documentar o teu trabalho.

✓ Deves procurar as seguintes informações e seguir as sugestões que te irão ajudar à realização do trabalho de grupo nas férias. Não te esqueças de tirar fotografias para ilustrar o trabalho.

1. Para que serviam as termas;
2. O seu sistema de aquecimento;
3. A particularidade das Termas da Muralha;
4. Aplicar as informações obtidas no Museu relativamente aos cuidados de higiene que os romanos tinham;
5. Consulta o *site*: <http://coimbra.360portugal.com/Concelho/Condeixa/Conimbriga/Termas/>
6. Consulta o livro: *Asterix e o escudo de Arverne*.



Anfiteatro

Monumento público com capacidade para cerca de 4 mil espetadores, foi destruído nos inícios do século IV, aquando da construção da muralha, para a qual serviu de fonte de materiais.

Sobre o anfiteatro, procura a seguinte informação:

1. Para que servia esta construção;
2. Identificar em que século foi construído;
3. Comparar o anfiteatro português com o de Roma.

ANEXO 14 - Guião exploratório das Ruínas de Conímbriga (Grupo 4)

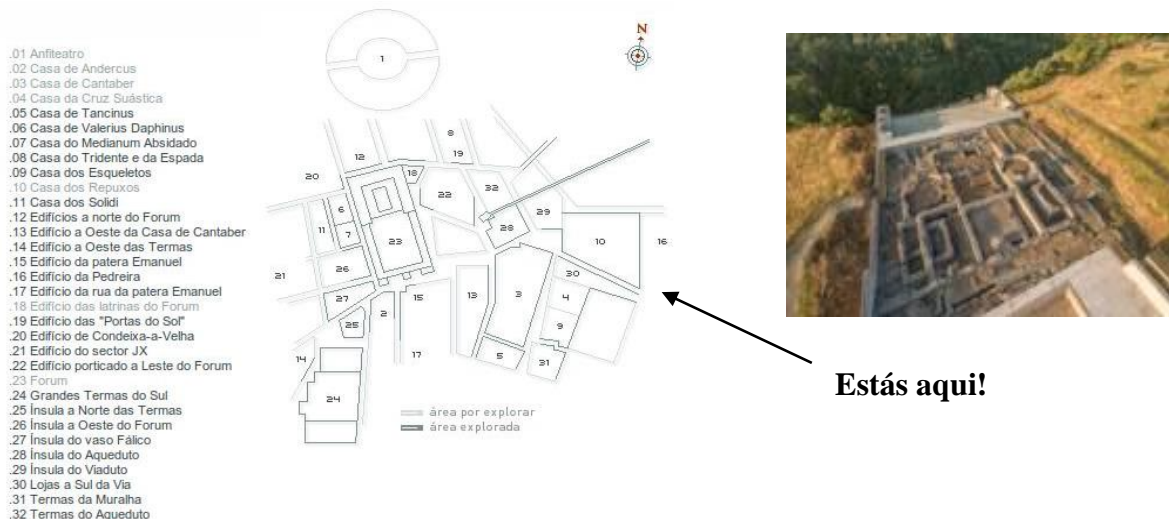
GUIÃO DE EXPLORAÇÃO DAS RUÍNAS DE CONÍMBRIGA

Grupo 4: Fórum

Conímbriga é conhecida por ser uma das maiores povoações romanas a céu aberto, ocupada a partir de 139 a. C. É uma das raras cidades romanas que conserva a cintura de muralhas, de planta aproximadamente triangular.

Agora... vamos à descoberta!!!

Olha para a planta e procura o fórum! Corre para o número 23



✓ **Deves procurar as seguintes informações e seguir as sugestões que te irão ajudar à realização do trabalho de grupo nas férias. Não te esqueças de tirar fotografias para ilustrar o trabalho.**

1. Conceito de fórum;
2. A importância do fórum;
3. Comparar a planta do fórum utilizando 3 aspetos: vestígios arqueológicos, maquete no Museu, perspetiva de como seria;
4. Identificar os espaços do fórum e monumentos adjacentes;
5. Problemas que afetaram a preservação deste espaço;
6. Consulta o *site*:

<http://coimbra.360portugal.com/Concelho/Condeixa/Conimbriga/Forum/>

ANEXO 15 - Guião exploratório das Ruínas de Conímbriga (Grupo 5)

GUIÃO DE EXPLORAÇÃO DAS RUÍNAS DE CONÍMBRIGA

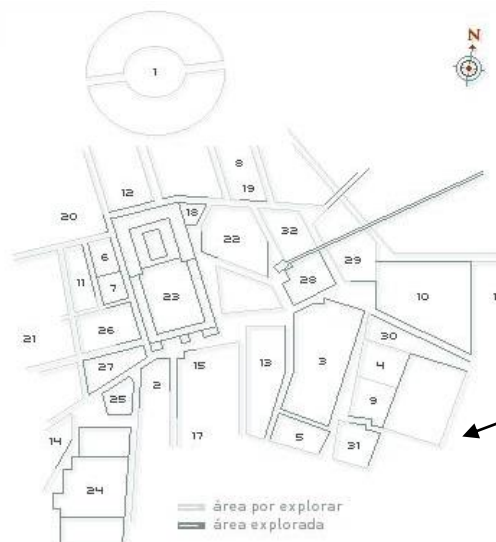
Grupo 5: Construções utilitárias- estrada, lojas, latrinas e aqueduto

Conímbriga é conhecida por ser uma das maiores povoações romanos a céu aberto, ocupada a partir de 139 a. C. É uma das raras cidades romanas que conserva a cintura de muralhas, de planta aproximadamente triangular.

Agora... vamos à descoberta!!!

Olha para a planta e procura os locais assinalados com os números 18, 30 e 32

- .01 Anfiteatro
- .02 Casa de Andercus
- .03 Casa de Cantaber
- .04 Casa da Cruz Suástica
- .05 Casa de Tancinus
- .06 Casa de Valerius Daphinus
- .07 Casa do Medianum Absidado
- .08 Casa do Tridente e da Espada
- .09 Casa dos Esqueletos
- .10 Casa dos Repuxos
- .11 Casa dos Solidi
- .12 Edifícios a norte do Forum
- .13 Edifício a Oeste da Casa de Cantaber
- .14 Edifício a Oeste das Termas
- .15 Edifício da patera Emanuel
- .16 Edifício da Pedreira
- .17 Edifício da rua da patera Emanuel
- .18 Edifício das latrinas do Forum
- .19 Edifício das "Portas do Sol"
- .20 Edifício de Condeixa-a-Velha
- .21 Edifício do sector JX
- .22 Edifício porticado a Leste do Forum
- .23 Forum
- .24 Grandes Termas do Sul
- .25 Insula a Norte das Termas
- .26 Insula a Oeste do Forum
- .27 Insula do vaso Fálco
- .28 Insula do Aqueduto
- .29 Insula do Viaduto
- .30 Lojas a Sul da Via
- .31 Termas da Muralha
- .32 Termas do Aqueduto



Estás aqui!
Estrada romana

**Latrina- Casa dos
Repuxos**



✓ Deves procurar as seguintes informações e seguir as sugestões que te irão ajudar à realização do trabalho de grupo nas férias. Não te esqueças de tirar fotografias para ilustrar o trabalho.

1. Como é que os romanos construíram estradas duradouras;
2. Salienta um particularismo da estrada romana na cidade;
3. A importância das estradas para a civilização romana;
4. A importância das lojas na economia da cidade;
5. Para que servia e como funcionava o espaço das latrinas;
6. A importância do aqueduto para a cidade;
7. Consulta o *site*:

<http://coimbra.360portugal.com/Concelho/Condeixa/Conimbriga/SectorSul/>



AQUEDUTO ROMANO DE CONÍMBRIGA

O aqueduto foi construído no século I d. C. e ter-se-á inserido no projeto de urbanização da cidade de Conímbriga durante a época de Augusto. Com cerca de 3 quilómetros, a sua conduta é essencialmente subterrânea, por forma a chegar água à cidade.

ANEXO 16 - Guião da Visita de Estudo Virtual a Conímbriga



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

GUIÃO DA VISITA DE ESTUDO VIRTUAL CONÍMBRIGA

Nome: _____ Nº: _____ Turma: _____

RUÍNAS DE CONÍMBRIGA



Fonte: <https://www.google.com/search?q=Imagens+ruinas+de+conimbriga>

Data da consulta (20-04-2020)

TAREFAS:

a) Proponho que realizes uma visita de estudo virtual às ruínas de Conímbriga, através do seguinte Link: <http://coimbra.360portugal.com/Concelho/Condeixa/Conimbriga/>

b) Depois de fazeres a visita virtual, responde às questões que te são colocadas, com a ajuda das seguintes ligações ou outras que consideres pertinentes:

<https://ensina.rtp.pt/temas-artigo/historia/>

<https://www.escolavirtual.pt/pagina-especial/acessogratico.htm>

<https://www.youtube.com/watch?v=YImknjpfHqI>

<https://www.youtube.com/watch?v=17NC3RqydZ0>

c) Como tiveste oportunidade de observar, as ruínas de Conímbriga permitem-nos reconstituir uma importante cidade do Império Romano.

Responde às questões:

1. Indica o nome da *domus* que está decorada com vários mosaicos ilustrados e coloridos.

2. Assinala com X os temas que se encontram representados nesses mosaicos:

Cenas de caça

Fauna

Flora

Temas mitológicos

Cruzes suásticas

Desenhos geométricos

3. Para além das *domus*, refere o outro tipo de casas que observaste.

4. A quem se destinavam estas casas?

5. Preenche os espaços em branco:

O *Fórum* era o centro da vida _____ na cidade. Edificado no tempo de _____ foi reconstruído no tempo do Imperador Flávio. Neste espaço desenvolviam-se atividades políticas, _____ e _____.

6. Atribui uma função aos monumentos que se encontram no *Fórum*:

Basílica: _____

Templo: _____

Cúria: _____

7. “Ir às termas era um hábito tipicamente romano, não só por motivos de higiene”.

Indica as outras funções das termas.

d) Avaliação:

✓ Avalia esta atividade, numa escala de 1 a 5, tendo em conta que:

1- Não Satisfaz; 2- Satisfaz Pouco; 3- Satisfaz; 4- Satisfaz Bem; 5- Satisfaz Muito Bem

Guião: _____

A tua participação: _____

Aprendizagem realizada: _____

✓ Consideras importante manter esta atividade numa próxima aula?

Sim

Não

A professora estagiária,

Clementina Araújo

ANEXO 17 - Guião da Visita de Estudo Virtual à Sé Velha de Coimbra



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

GUIÃO DA VISITA DE ESTUDO VIRTUAL SÉ VELHA DE COIMBRA

Nome: _____ Nº: _____ Turma: _____

A SÉ DE COIMBRA é o edifício em estilo românico mais importante do nosso país.



Fonte: <https://www.google.com/search?q=visita+virtual+a+se+velha+de+coimbra>

Data da consulta (03-05-2020)

ATIVIDADES:

a) Realiza uma visita de estudo virtual à Sé Velha de Coimbra, através da Hiperligação:

<http://coimbra.360portugal.com/Concelho/Coimbra/SeAntiga/>

Podes obter mais informações, com a ajuda das seguintes ligações:

<https://www.youtube.com/watch?v=iy1lVzZ0ii8>

<https://ensina.rtp.pt/temas-artigo/historia/>

b) Depois de fazeres a visita virtual, responde às seguintes questões:

1. Refere o estilo arquitetónico da Sé Velha de Coimbra.
2. Identifica duas características deste estilo que observaste durante a visita.
3. Quantas naves tem este monumento?
4. Menciona o tema dominante das pinturas.
5. Justifica por que razão a escultura e a pintura românica **tinham um papel educativo**.

c) Avaliação:

- ✓ Avalia esta atividade, numa escala de 1 a 5, tendo em conta que:

1- Não Satisfaz; 2- Satisfaz Pouco; 3- Satisfaz; 4- Satisfaz Bem; 5- Satisfaz Muito Bem

Guião: _____

A tua participação: _____

Ajudou-te a compreender os conteúdos da aula: _____

- ✓ Refere um aspeto positivo e outro negativo desta atividade.

A professora estagiária,
Clementina Araújo